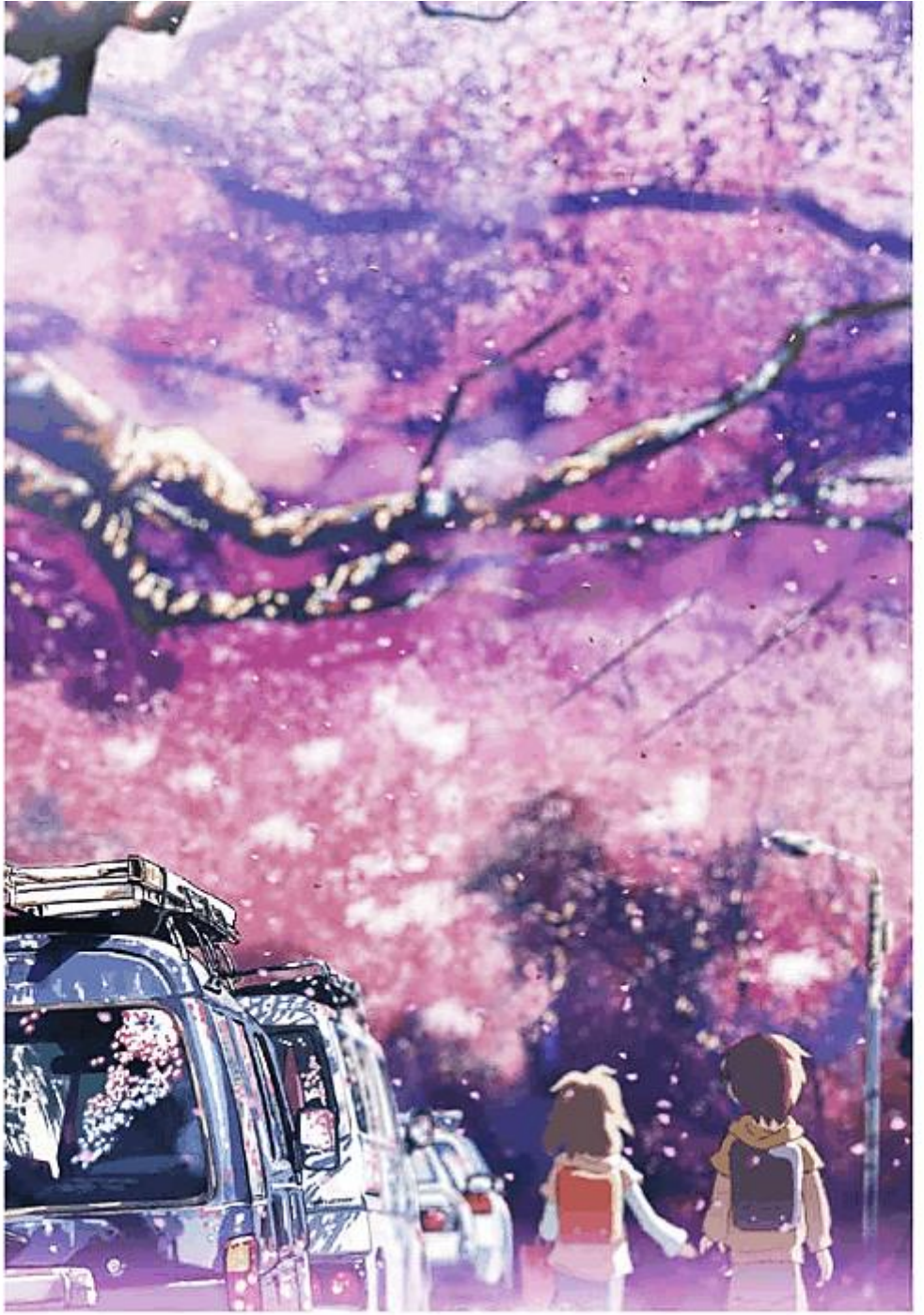
小説

秒速5センチメートル



新海誠

5 Centimeters per Second
A chain of short stories about their distance

Makoto Shinkai

角川文庫

Byousoku 5 Centimeter

Uma cadeia de histórias curtas sobre a distância entre eles

*

Makoto Shinkai

新海誠

Novel JP

Publicado

16 Novembro 2007

Sumário

Flor de Cerejeira 4
Cosmonauta 31
5 Centímetros por Segundo 63
O Céu Além da Janela 100
Makoto Shinkai 103

Flor de Cerejeira

1

— Ei, isso parece muito com a neve. — Akari falou.

Faz dezessete anos que ela disse isso. Tínhamos acabado de entrar no 6º ano do ensino básico e sempre andávamos juntos em volta do pequeno bosque no caminho de casa, com nossas bolsas nas costas. Era primavera e um número incontável de flores de cerejeira estavam florando nas árvores, suas pétalas dançando silenciosamente no ar, cobrindo o asfalto sob nossos pés como um cobertor branco. O ar estava quente e o céu pendia sobre nossa cabeça como se fosse uma grande tela de tinta azul clara. Não muito longe de nós estava a estrada principal e a travessia dos trilhos de Odasaki mas nenhum ruído parecia nos alcançar. Somente o cantar dos pássaros podia ser ouvido como uma bênção da primavera. Não havia mais ninguém por perto.

Era como uma pintura de uma cena de primavera.

Tudo bem. Pelo menos em minha memória aquele momento era como uma pintura. Você poderia dizer que era apenas uma coleção de imagens. Quando tento reunir essas velhas memórias, sinto como se estivesse olhando um quadro de perto. O garoto tinha acabado de completar onze anos, assim como a garota que tinha a mesma altura que ele. Os observo enquanto eles correm para longe, a luz que preenchia o mundo os envolvia naturalmente. Sempre os observava de costas naquela pintura. E sempre era sempre a

garota que corria na frente. Quando me lembro daquele breve momento de tristeza que estremeceu o coração do jovem garoto, faz até mesmo eu, que agora sou adulto, me sentir um pouco triste.

Em todo caso, me lembro que Akari descreveu a chuva de pétalas como neve. Mas nunca encarei dessa forma. Naquela época, flores de cerejeira eram apenas flores de cerejeira e neve era apenas neve para mim.

— Ei, isso parece muito com a neve.

— Parece? Hmmm, talvez...

— Ah, deixa para lá. — Akari disse friamente dando rapidamente dois passos à frente antes de se virar. Seus cabelos castanhos brilharam quando a luz do céu refletiu sobre eles e mais uma vez, ela disse algo misterioso.

— Ei, ouvi que elas caem a cinco centímetros por segundo.

— O que?

— O que você acha?

— Não sei.

— Vamos, pense um pouco, Takaki-kun.

Eu ainda não sabia o que ela estava falando, então honestamente disse a ela que não sabia.

— É a velocidade que as pétalas de flor de cereja caem. Eles caem a cinco centímetros por segundo.

Cinco centímetros por segundo. Tinha algo misterioso nisso. Deixei ela saber como eu estava fascinado:

— Uau, você sabe de muitas coisas Akari.

— Heehee. — Akari sorriu feliz.

— Dei de muito mais. A chuva cai a cinco centímetros por segundo. As nuvens caem a um centímetro por segundo.

— Nuvens? Você quer dizer as nuvens no céu?

— Sim, as nuvens no céu.

— As nuvens também caem? Eles não simplesmente flutuam?

— As nuvens caem também. Eles não flutuam porque elas são compostas de vapor de água. Parece que elas estão flutuando porque são tão grandes e estão tão distantes. À medida que o vapor se expande, elas crescem cada vez mais e então caem para a terra como chuva ou neve.

— Uau... — Disse enquanto olhava para as nuvens fascinado e depois para as flores de cerejeira novamente. A voz alegre e jovial de Akari fez soar como se fosse uma regra importante do universo. Cinco centímetros por segundo.

— Uau... — Ela repetiu, me provocando e de repente começou a correr.

— Ei, espere, Akari! — Gritei enquanto corria atrás dela.

* * *

Naquele tempo, era um hábito entre Akari e eu trocar pequenos conhecimentos que aprendemos de livros e TV quando voltamos para casa. Informação que achávamos importantes - coisas como a velocidade que as pétalas de flores caíam, a idade do universo ou a temperatura da prata derretida. Era como se fôssemos um par de esquilos se preparando desesperadamente para a nossa hibernação no inverno, ou talvez fôssemos viajantes navegando pelos mares tentando aprender astrologia para que pudéssemos reunir a luz das estrelas espalhada pelo mundo. Por alguma razão, tínhamos pensado seriamente que esses pequenos conhecimentos seriam essenciais em nossas vidas futuras.

Sim. Era por isso que Akari e eu sabíamos tanto. Sabíamos em que posição estavam as estrelas durante as estações, ou qual o brilho e direção que Júpiter está antes de ser visível a olho nu. Sabíamos até mesmo por que o céu é azul, por que a terra tem estações, quando os neandertais desapareceram e os nomes das espécies que se extinguiram durante o período cambriano. Ambos estávamos extremamente fascinados por tudo o que era muito maior e longe de nós. Mas para mim, esqueci quase tudo. Tudo o que sei é que eram pequenos conhecimentos que uma vez soube que eram a verdade para mim.

2

Desde o primeiro encontro com Akari até o momento em que nos separamos, pensei que ambos éramos iguais - isso foi por volta de três anos entre o quarto e o sexto ano do ensino básico. Ambos os nossos pais se mudavam muito devido ao trabalho e nós dois chegamos na mesma escola primária em Tóquio. Tinha me mudado para Tóquio de Nagano quando estava no elementar três e Akari se mudou de Shizuoka enquanto ela estava no elementar quatro. Mesmo agora me lembro como ela estava tensa e nervosa, enquanto ela estava na frente do quadro-negro no seu primeiro dia na escola. Ela estava lá, as mãos perfeitamente juntas na frente dela enquanto a luz da primavera brilhava através das janelas da sala de aula sobre ela, lançando uma sombra de seu ombro até o seu cabelo longo. Seus lábios estavam nervosamente apertados e vermelho brilhante, seus olhos abertos sem pestanejar, sua visão fixada em um único ponto. Ela me lembrou da minha própria expressão quando cheguei um ano atrás e imediatamente senti que estávamos mais perto um do outro. Acho que fui eu quem falou com ela primeiro e rapidamente nos demos bem.

Akari era a único que tinha as mesmas opiniões que eu - sobre como os estudantes que foram criados em Setagaya pareciam mais maduros, o quão difícil era respirar no meio das multidões na estação, como a água da torneira era surpreendentemente desagradável. Para nós, tudo isso era problema. Éramos pequenos adoecíamos fácil, então preferimos ficar na biblioteca do que nos playgrounds e foi por isso que as aulas de educação física foram muito desagradáveis para nós. Ambos Akari e eu éramos como adultos que preferiram desfrutar uma conversa com alguém ou ler um livro. Naquela época meu pai estava trabalhando em um banco e nós estávamos vivendo em um apartamento de propriedade da empresa e, talvez fosse o mesmo para Akari talvez por isso nosso caminho de casa era o mesmo. Naturalmente, como se precisássemos um do outro, sempre gastamos nosso tempo depois da escola juntos.

Claro, fomos muito provocados por muitos de nossos colegas. Agora quando paro para pensar, a maneira que eles agiam e as coisas que eles falavam era realmente apenas algo que as crianças comumente fazem, mas naquela época, realmente não podia lidar com essas situações muito bem e cada vez que algo acontecia, eu estava machuca, ficava triste. A necessidade que tínhamos um do outro cresceu mais forte por causa disto.

Um dia, algo aconteceu. Eu tinha ido ao banheiro e estava no meu caminho de volta para a sala de aula quando vi Akari sozinha na frente do quadro-negro. Havia um desenho de um guarda-chuva com o meu nome e o de Akari escrito abaixo (que poderia ser considerado assédio agora que penso nisso), nossos colegas estavam parados de longe murmurando uns com os outros, olhando para Akari. Ela tinha ido até o quadro negro para parar o assédio, mas provavelmente estava muito envergonhada e tinha parado no meio caminho. Fiquei rígido ao vê-la assim de pé sem uma palavra, entrei na sala, peguei o apagador e rapidamente limpei o desenho. Não sabia por que, mas agarrei a mão de Akari e saímos correndo da sala de aula. Podíamos ouvir as vozes atrás de nós se animarem, mas nós ignoramos e continuamos correndo. Mesmo eu não podia acreditar o quão ousado era fazer o que eu fiz, mas me lembrei como a suavidade da mão de Akari fez meu coração bater mais forte, estava quase tonto e pela primeira vez, senti que não havia nada no mundo que eu tivesse medo. Tinha certeza de que muitas coisas ruins ainda estavam por vir pelo resto de nossas vidas, mas não importava o que era - se era transferir de escola, fazer exames, ir para o exterior ou se sentir desconfortável ao conhecer novas pessoas, enquanto Akari estivesse lá eu seria capaz de suportar tudo. Acho que ainda éramos jovens demais para chamar de amor, mas na época, estava claro que eu gostava de Akari e podia sentir claramente que Akari gostava de mim também. Enquanto corríamos com as mãos firmemente juntas, mais eu tinha certeza desse sentimento. Contanto que tivéssemos um ao outro, não importa o que aconteceria, acreditávamos que não havia nada a temer.

Por três anos esses sentimentos continuaram fortes enquanto Akari e eu passávamos tempo juntos. Ambos decidimos que iríamos para a mesma escola secundária que não ficava longe de nossas casas e estudamos muito, gastamos mais e mais tempo juntos. Nós provavelmente nos tornamos conscientes de como éramos mais maduros do que outras crianças e que éramos introvertidos, presos no nosso pequeno mundo, mas estávamos convencidos de que tudo era parte da preparação para a nossa escola secundária. Estávamos indo para longe dos colegas que não nos damos bem com e começaríamos uma nova vida com novos alunos e nosso mundo ia crescer. Também esperávamos que isso nos ajudasse a identificar e expressar claramente os fortes sentimentos que tínhamos um pelo outro. Poderia ser o momento em que seríamos capazes de expressar nosso amor. A distância

entre nós e nossos arredores, a distância entre Akari e eu certamente ficaria menor. Teríamos mais poder e mais liberdade.

Agora que penso nisso, talvez soubéssemos que perderíamos algo quando trocávamos conhecimento. Claramente fomos cativados um pelo outro e desejamos ficar juntos para sempre, mas - talvez fosse por causa de tantas transferências - sabíamos ao mesmo tempo que esse desejo não poderia se tornar realidade e sentíamos medo em nossos corações. Talvez tenhamos tentado deixar tantas lembranças de nós dois juntos, porque sabíamos que um dia estaríamos separados.

De fato, no final, Akari e eu nos separamos e frequentamos diferentes escolas secundárias. Uma noite de inverno, quando ainda estávamos na escola primária, Akari ligou para me contar.

Era raro Akari me ligar porque quase nunca conversávamos um com o outro pelo telefone e era tarde (naquele tempo era em torno de nove horas). Tive um mau pressentimento quando minha mãe me disse que era Akari e entregou o telefone para mim.

— Desculpe, Takaki-kun. — Akari disse em uma voz baixa. O que se seguiu foram palavras que não queria ouvir ou acreditar.

Não podemos mais ir para a mesma escola secundária. Ela disse que seu pai decidiu se mudar para uma pequena cidade na parte norte de Kantou para trabalhar. Ela estava tremendo como se fosse chorar. Simplesmente não conseguia entender o porquê. De repente senti algo que queimava por dentro, mas minha cabeça estava fria. Simplesmente não conseguia entender por que Akari tinha que me dizer isso.

— O que... mas e sobre a escola Nishinaka? Eles já aceitaram você lá. — Finalmente consegui dizer.

— Ele diz que ajeitar para eu ir para Tochigi... Me desculpe.

Eu podia ouvir o som de um táxi no fundo o que significava que ela estava ligando de um telefone público. Embora estivesse no meu quarto, me sentei no tatami, abraçando minhas pernas como se pudesse sentir a frieza

de lá em meus dedos. Eu não sabia o que deveria dizer a ela, mas senti que tinha que dizer algo.

— Não, não é culpa sua Akari...

— Disse a ele que queria morar com minha tia em Katsushika para que eu pudesse ficar, mas ele disse que eu tinha que ser mais velha...

Enquanto ouvia Akari tentando parar de chorar eu queria desligar porque não queria ouvir.

Antes que eu percebesse, gritei para ela, "...Já entendi o que você está dizendo!" Ainda podia ouvir sua respiração, isso não me impediu de continuar.

— Esqueça... — disse para ela com uma voz firme. — Apenas esqueça isso... — repeti desesperadamente tentando segurar minhas próprias lágrimas. Por que... Por que tem que ser dessa maneira?

Após dez segundos de silêncio, Akari conseguiu dizer "desculpe" novamente com sua voz soluçante. Mantive o telefone pressionado contra o meu ouvido com a minha cabeça pendendo para baixo. Não podia tirá-lo do meu ouvido e também não conseguia desligar. Eu sabia que o que eu tinha dito machucou Akari. Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Não tinha aprendido a controlar meus sentimentos. Depois que a ligação desagradável da Akari finalmente terminou, só sentei lá abraçando minhas pernas.

Nos dois dias seguintes, me senti muito mal. Estava muito envergonhado de mim mesmo que não consegui dizer nada de bom para Akari, embora saiba que ela deva estar muito preocupada. Com esses sentimentos ainda em nossas mentes, Akari e eu nos separamos desajeitadamente no dia de nossa cerimônia de formatura. Naquele dia, logo após a cerimônia, ela se aproximou de mim e disse com sua voz agradável: "Então, isso é adeus...", mas tinha abaixado minha cabeça em vergonha, incapaz de dizer qualquer coisa de voltem resposta. Pensei que não dia fazer nada. Tinha dependido de Akari até agora. Tinha planejado tentar me tornar mais maduro porque ela estaria lá comigo, mas agora não podia. Ainda era muito uma criança pequena. Pensei comigo mesmo que não posso ficar assim para sempre e deixar uma força invisível tirar tudo de mim. Mesmo se Akari não tivesse escolha, não deveríamos nos separar assim. Nunca devíamos nos separar.

* * *

Aqueles sentimentos não reprimidos permaneceram comigo quando o novo semestre na escola secundária começou. Tive que enfrentar aqueles desconfortáveis dias sozinhos, mesmo que eu não quisesse. Mesmo que eu devesse estar frequentando a mesma escola com a Akari, comecei a ir sozinho, lentamente fazendo novos amigos, entrando no clube de futebol e trabalhando duro. Os dias eram muito mais ocupados do que meus dias de escola primária, mas isso era bom para mim, porque manteve minha cabeça ocupada. Quando tinha tempo sozinho, me sentiria muito desconfortável assim como antigamente e não conseguia aguentar. Foi por isso que tentei permanecer proativo, passando a maior parte do meu tempo com os amigos, ia direto para a cama assim que terminava meu dever de casa e acordei cedo para que pudesse me concentrar em treinar no clube.

Tinha certeza de que Akari também estava ocupada todos os dias em sua nova casa. Queria que aqueles dias a ajudassem a esquecer de mim. Até porque, fui o único que a machuquei quando nos separamos. Eu também deveria ter esquecido Akari. Já deveríamos ter aprendido a fazer isso, depois de todas as nossas experiências de transferência de escola.

E então, em um dia quente de verão, chegou uma carta de Akari.

Me lembro que quando vi aquele envelope rosa claro preso na caixa de correio do apartamento me senti mais confuso do que feliz. Pensei comigo mesmo, por que agora? Estava tão determinado a me acostumar com um mundo sem Akari. A carta me fez lembrar o quanto sentia falta dela.

Sim, em vez de tentar esquecer Akari, de repente minha mente não tinha nada além dela. Fiz muitos amigos, mas cada vez que eu estava com eles, eles me fizeram perceber o quão especial Akari era para mim. Me confinava no meu quarto lendo a carta uma e outra vez. Mesmo durante as aulas, eu a escondia no meu livro para que eu pudesse olhar para ela. Li tantas vezes que quase decorei.

"Querido Takaki Tohno" começa a carta. Foi um sentimento tão nostálgico de ver a caligrafia de Akari novamente.

"Já faz tanto tempo. Como você está? O clima de verão é muito quente aqui, mas tenho certeza que é muito mais fácil de suportar do que em Tóquio. Mas agora que penso nisso, prefiro os verões quentes e úmidos em Tóquio — o asfalto quente que parece estar a ponto de derreter, os edifícios no sol e o ar condicionado quase gelado dos apartamentos e estações de metrô."

Curiosamente, entre a escrita madura, haviam ilustrações minúsculas (como o sol ou as cigarras) que me fizeram imaginar a diferença entre a Akari que conhecia e a que o que a que agora está crescendo lentamente. Foi uma carta muito curta que me disse como ela está indo. Ela me contou como foi para a nova escola pelo trem de quatro vagões, como se juntou ao clube de basquete para se manter em forma e como decidiu cortar o cabelo curto para que ficasse na altura do ouvido. Surpreendentemente, tudo me perturbou. Ela não escreveu que sentia saudades de mim e das suas palavras poderia dizer que sua nova vida estava indo bem e ela estava se acostumando com isso. Mas de alguma forma, não tinha dúvida de que ela teria se sentido muito triste se escrevesse que sentia falta de mim e queria falar comigo. Se não fosse assim, ela nunca teria escrito uma carta para mim. Eu senti exatamente do mesmo jeito com relação a ela.

Desde então, Akari e eu trocamos cartas uma vez por mês. Senti que era muito mais fácil seguir a vida do que era antes. Por exemplo, poderia claramente admitir aulas chatas eram chatas. Desde que fui separado de Akari, pensava que todo o treinamento duro e instruções irracionais que meus treinadores me davam eram como deviam ser, mas agora eu podia sentir que era tudo um pouco insuportável. Meus sentimentos voltaram. Estranhamente, foi por me sentir assim que tudo se tornou mais fácil de suportar. Nunca escrevíamos sobre as coisas ruins ou coisas bobas que aconteciam, mas podíamos sentir fortemente que havia apenas uma outra pessoa neste mundo que poderia nos entender.

O verão e o outono de nosso primeiro ano na escola secundária passaram logo e agora era inverno. Completei treze anos, era sete centímetros mais alto, crescia mais musculoso e já não pegava resfriado tão facilmente quanto antes. Me sentia como se tivesse ficado relativamente mais perto do mundo. Tinha certeza que Akari também tem treze anos agora. Cada vez que olhava

para minhas colegas de classe em seu uniforme, imagino como Akari se parece agora. Uma vez que ela tinha escrito que um dia queria ver as flores de cerejeira comigo novamente, como nós fizemos quando estávamos na escola primária. Ela disse que havia uma grande árvore de cerejeira perto de sua casa. Ela escreveu: "Tenho certeza que essas pétalas de flores também caem a cinco centímetros também."

Estava no meu terceiro semestre quando foi decidido que eu ia transferir as escola novamente.

Iria me mudar durante as próximas férias de primavera e que iria para Kagoshima, uma ilha perto da região de Kyuushuu. Demora cerca de duas horas de voo do aeroporto de Tóquio, Haneda para chegar lá. Para mim, não era diferente de viver no fim do mundo. Mas naquela época, estava acostumado a essas mudanças em minha vida e não estava preocupado com isso. Minha principal preocupação foi minha distância da Akari. Desde que saímos da escola primária, não tínhamos mais nos encontrado, mas não estávamos tão longe um do outro quando pensei nisso. Era apenas uma viagem de trem de três horas entre o norte de Kansai onde Akari estava e Tóquio onde eu morava. Poderíamos nos encontrar durante os sábados. Mas uma vez que eu mudasse para o sul do Japão, nunca mais seria capaz de vê-la novamente.

Foi por isso que decidi escrever para Akari e deixá-la saber que eu queria vê-la mais uma vez antes de me mudar. Sugeri uma lista de lugares e horas onde poderíamos nos encontrar. Ela respondeu prontamente. Nós dois tínhamos exames para o terceiro semestre. Tive que me preparar para a relocação e ela tinha atividades de clube para participar, por isso só foi depois da última prova no final do semestre que pudemos nos reunir à noite. Depois de verificarmos nossos horários, decidimos que poderíamos nos encontrar em uma estação perto de sua casa às sete horas. Dessa forma, poderia pular minhas atividades do clube e ir direto após a aula, depois de passar duas horas com Akari, poderia tomar o último trem para casa. Em todo caso, contanto que pudesse voltar para casa no mesmo dia, seria capaz de pensar em alguma desculpa para explicar aos meus pais. Teria que pegar o trem nas linhas Oda e Saikyou, em seguida, mudar de trem na linha Utsu para Ryouke, para chegar lá que ia custar cerca de três mil quinhentos ienes

para as passagens. Não era uma pequena quantia que eu poderia juntar até lá, mas não havia nada mais importante do que ver Akari novamente.

Faltavam duas semanas antes do dia prometido e passei esse tempo escrevendo uma longa carta que eu queria dar a Akari. Foi provavelmente a primeira carta de amor que escrevi na minha vida. Escrevi nele sobre o futuro que eu tinha pensado, o que eu gostava, os livros que eu li e a música que escutei e, o quão importante Akari significa para mim – talvez ainda fosse só uma semente de amor entre nós, mas fui honesto com meus sentimentos e os expressei o melhor que pude. Não consigo lembrar o que escrevi, mas acho que deu cerca de oito páginas. Naquela época, havia muitas coisas que realmente queria deixar Akari saber. Contanto que ela leia a carta, pensei que seria capaz de suportar os dias em Kagoshima. Era a parte de mim que queria que ela soubesse.

Enquanto passava os dias escrevendo, sonhei com Akari muitas vezes.

No sonho eu era um pássaro ágil. Batendo minhas asas voei através do céu noturno, através de uma cidade cheia de edifícios altos e ferrovias. Fiquei emocionado e encantado com o meu pequeno corpo e voei em uma velocidade centenas de vezes mais rápida do que poderia correr no chão, voando para aquele lugar para ver alguém especial. Em pouco tempo pude ver uma cidade repleta de luzes ao longe, cintilando como estrelas enquanto voava no forte vento noturno, a luz de trens correndo ao longo de veias e artérias. Logo consegui atravessar as nuvens e voava onde a lua os iluminava de cima, como se estivesse em um vasto oceano. O luar azul transparente fez os vários picos das nuvens brilharem como se fosse outro planeta. Tinha o poder de ir a qualquer lugar do mundo que quisesse e meu corpo emplumado estava tremendo de felicidade. Quando cheguei perto do meu destino, mergulhei animado, o lugar onde ela morava se expandia rapidamente diante dos meus olhos. Havia campos rurais que se estendiam ao longe, telhados de casas escassamente povoadas, remendos de floresta aqui e ali e no meio de tudo, havia um único raio de luz em movimento. Era um trem. Eu também devia estar no trem. E na plataforma avistei uma garota esperando por aquele trem. Tinha o cabelo na altura das orelhas estava sentada num banco sozinha e perto havia uma grande árvore de cerejeira. As flores ainda tinham que florescer, mas podia sentir um sopro de vida dentro de sua casca dura. Pouco tempo depois, a jovem notou minha presença e olhou para o céu. Logo poderíamos nos ver novamente...

3

Estava chovendo no dia que Akari e eu prometemos nos encontrar. O céu tinha um único tom de cinza, como se escondido atrás de uma tampa gigante, gotas frias de chuva caiam e se acumulavam no chão. Era como se a primavera tivesse mudado de ideia e ido embora, deixando apenas o clima do inverno para trás. Coloquei um casaco marrom de duas camadas sobre o meu uniforme e depois de pôr a carta que escrevi para Akari na minha mochila, fui para a escola. Eu esperava estar de volta tarde da noite, então deixei uma nota para os meus pais saberem e não se preocuparem muito. Nossos pais não se conheciam e duvido que eles teriam permitido que fizéssemos o que tínhamos planejado mesmo se tentássemos explicar a eles.

Me senti muito perturbado durante o dia e passei todo o meu tempo olhando para fora da janela durante as aulas. Era como se não conseguisse entender nenhuma das lições. Provavelmente estava imaginando como a Akari parecia em seu uniforme escolar, do que estaríamos falando, ouvindo sua voz agradável novamente. Sim, naquela época eu não estava ciente disso, mas estava claro que eu amava sua voz. Sua voz enviava ondas para o ar e eu adorava isso. Sua voz gentil e suave sempre estimulava meu ouvido. Logo poderei ouvir sua voz novamente. Toda vez que eu pensava nisso, meu corpo ficava quente como se estivesse pegando fogo e isso me deixava perturbado, mas então olhava pela janela para a chuva fria.

Cinco centímetros por segundo. Era de dia e mesmo assim tudo tinha uma cor cinza claro e eu podia ver muitas janelas iluminadas em edifícios enquanto eu olhava para fora da janela da. As luzes da pista de dança distante de um determinado apartamento podiam ser vistas balançando de vez em quando. Enquanto eu continuava a olhar pela janela, a chuva engrossou e, à medida que o horário de ir embora se aproximava, elas se transformavam em neve.

Depois da aula, me assegurei de que nenhum dos meus colegas estivesse por perto antes de tirar a carta e o memorando que eu tinha. Ainda estava um pouco inseguro sobre a carta, mas a pus dentro do meu bolso. Queria dar a Akari não importa o que acontecesse, então queria tê-la em algum lugar onde pudesse tocá-la e ter certeza que ainda estava lá. Quanto ao memorando, ele tinha uma lista dos trens que eu tinha que pegar e as horas

que eles iriam chegar. Já tinha olhado a lista várias vezes, mas olhei ela mais uma vez.

Primeiro eu pegaria o trem 354 na Estação Goutokuji na linha Oda para Shinjuku. Então mudaria para a linha Saikyou e viajaria para a estação de Oomiya, mudaria para a linha Utsunomiya e chegaria a estação Koyama. Então mudaria para a linha Ryouke e, finalmente, chegaria ao meu destino na estação Iwafune em volta de seis quarenta e cinco. Estava indo me encontrar com Akari às sete horas em Iwafune o que eu deveria conseguir a tempo. Foi a primeira vez que viajei tão longe de trem sozinho, mas disse a mim mesmo que ficaria tudo bem. Sim, vai ficar tudo bem. Poderia ser difícil, mas tinha certeza de que nada iria acontecer.

Segui meu caminho pelas escadas mal iluminadas da escola e no hall de entrada abri meu armário para trocar de sapatos. Estava deserto o que fez o som da porta de aço soar mais alto que o habitual. Isso fez meu coração bater um pouco mais rápido. Decidi que deixaria o guarda-chuva que trouxera comigo de manhã e saí olhando para o céu. A fragrância de chuvas era agora a de neve. Um cheiro que era mais fácil de sentir do que a chuva e isso fazia meu coração ficar mais vivo do que antes. Enquanto estava lá, olhando para o céu, senti que seria engolido pelos incontáveis flocos brancos que caíam. Rapidamente coloquei meu capuz e corri para a estação.

* * *

Era a minha primeira vez na estação de Shinjuku. Uma estação que nunca tinha visto em minha vida, mas agora que penso sobre isso, tinha ido lá para assistir a um filme com um amigo uma vez. Naquela época, fomos para Shinjuku na linha Oda e depois passar pelas catracas na saída leste, ficamos um pouco perdidos antes de sair da estação. A experiência da complexidade e do ambiente lotado da estação Shinjuku deixou uma impressão mais forte em mim do que o próprio filme.

Deixei a linha de Oda e parei olhando o mapa na parede para que não me perdesse e procurei rapidamente o local marcado “linha JR bilheteria”. Do outro lado dos pilares havia uma grande fila de máquinas de tickets, eu segui para a fila mais curta, esperando pela minha vez. De alguma forma senti como se meu peito estivesse com dor quando senti o perfume vindo da mulher na minha frente que se vestia como alguém que trabalha em um

escritório. A fila ao meu lado andou e desta vez me senti estranhamente desconfortável quando senti brevemente o cheiro de naftalina vindo do casaco de um homem idoso. A estação estava cheia de tantas vozes misturadas em um único som. A ponta do meu sapato coberto de neve estava fria. Minha cabeça estava um pouco tonta. Quando finalmente chegou a minha vez de comprar a passagem fiquei um pouco confuso quando descobri que as máquinas não tinham botões (naquela época, a maioria das máquinas ainda tinha botões). Olhei para a pessoa ao meu lado e descobri que tinha que tocar na tela.

Deixei a máquina prestando atenção em vários sinais de plataforma, abri caminho através da multidão e segui para a linha Saikyou. “Loop esterno da linha Yamanote”, “Linha que vai para Sobu, Nagano”, “Loop interno da linha Yamanote”, “Linha Sobu, Chiba”, “Expresso da linha central”, “Expresso principal da linha central”... Passei por muitas plataformas e ao longo do caminho parei por um grande mapa do complexo da estação e olhei para ele. A Linha Saikyou estava na área mais interna. Peguei o memorando que fiz e olhei para o meu relógio (um preto G Shock que recebi para comemorar a minha entrada bem-sucedida na escola). O trem de Shinjuku passaria às quatro e vinte e seis. O meu relógio mostrava quatro e quinze. Vai ficar tudo bem. Ainda tenho dez minutos, eu iria conseguir.

Enquanto seguia para a plataforma, passei no banheiro apenas para garantir. Seria uma viagem de quarenta minutos, então pensei que seria melhor estar preparado. Lavei minhas mãos e olhei no espelho. Do outro lado do espelho sujo, uma luz branca brilhava sobre meu reflexo. Tinha certeza de que eu tinha crescido e parecia mais velho do que seis meses atrás. Estava envergonhado de que minha mandíbula estava um pouco vermelha por causa do frio lá fora. Eu veria Akari em breve.

No início, não pude encontrar um assento porque estava cheio de pessoas voltando para casa. Me encostei contra a parede assim como muitos outros e olhei para os anúncios, para a janela e ocasionalmente olhava para os passageiros. Simplesmente não conseguia me acalmar e meus olhos estavam observando tudo, então não senti vontade de ler o romance de ficção científica que tinha na minha bolsa. Uma menina do colegial estava falando com uma outra que está na frente dela. Pareciam ser amigas. Ambas usavam saias curtas que revelavam parte de suas coxas nuas e as meias vermelhas.

— E aquele cara?

— Quem?

— Você sabe, o do colégio Kita.

— O que? Ele? Você tem uns gostos estranhos.

— De jeito nenhum. Ele é totalmente meu tipo.

Elas provavelmente estavam falando sobre um cara que conheciam ou um amigo. Mesmo que eu não fosse a pessoa de quem elas estavam falando, me senti um pouco envergonhado. Desviei meus olhos e enquanto me certificava com os dedos de que a carta ainda estava no meu bolso, olhei pela janela novamente. O trem estava passando em uma ponte alta há algum tempo. Era a primeira vez que viajava nessa linha. A maneira como o trem balançava e o barulho que fazia diferente de viajar na linha de Oda e estranhamente, me deixou ansioso. A escuridão do sol de inverno tingiu o horizonte de uma laranja fraco, uma fileira de edifícios pode ser vista à distância. A neve não tinha parado de cair. Me perguntava se eu estava em Saitama agora. A cidade parecia estar mais perto do que a paisagem familiar ao seu redor. Todos os prédios altos e apartamentos do centro pareciam enterrados no chão.

Ao longo do caminho, o trem parou na estação Murashiurawa para deixar um trem expresso passar. “Os passageiros que estão com pressa por favor, mudem para a plataforma oposta”, disse o alto-falante. Cerca de metade dos passageiros desceu e seguiu para lá, incluindo eu. Para oeste havia muitas estradas de ferro. A neve continuava a cair e a se acumular enquanto o pequeno sol ocasionalmente aparecia entre as nuvens, sua luz brilhando vividamente em centenas de telhados. Olhei para o cenário e de repente me lembrei de que tinha estado aqui antes.

Sim, não era a primeira vez que eu viajava por aqui.

Pouco antes do elementar três, tinha estado neste trem viajando de Oomiya para Shinjuku com meu pai quando nós estávamos nos mudando para Tóquio de Nagano. Estava acostumado com a paisagem rural de Nagano e o cenário completamente estranho tinha me deixado ansioso. Naquele momento, enquanto olhava pela janela para o cenário onde não havia nada além de edifícios e percebi que era onde eu ia viver, fiquei tão preocupado que senti que ia chorar. Mesmo assim, cinco anos se passaram

desde então e agora estava pensando comigo mesmo que consegui viver com isso. Ainda tinha apenas treze anos, mas não acho que foi um exagero. Akari tinha me apoiado. Rezei para que Akari se sentisse do mesmo durante aqueles anos em que estivemos juntos.

A estação de Oomiya não era tão grande quanto a de Shinjuku, era apenas um terminal grande. Desci algumas escadas da linha Saikyou, em seguida, peguei outro lance de escadas atravessei a multidão e fui para a estação Utsunomiya para a troca de linha. Um forte cheiro de neve encheu a estação e todos os sapatos estavam encharcados com ela fazendo um barulho enquanto caminhavam. A linha Utsunomiya também estava transbordando de pessoas que iam para casa e se podia ver longas filas. Fiquei em algum lugar longe delas e esperei o trem sozinho. Não ia conseguir um assento mesmo que me juntasse a fila. Pela primeira vez tive um mau pressentimento. Não demorou muito para que um anúncio fosse feito.

"Os passageiros notarão que o trem na linha de Utsunomiya que dirige a Koyama, Konomiya estará atrasado oito minutos devido à neve", o locutor nos informou.

Não sei por que não levei em conta que o trem poderia chegar tarde. Peguei meu memorando novamente e olhei para o relógio. Esperava entrar no trem das cinco e quatro, mas já eram cinco e dez. Tremi como se de repente ficasse mais frio. Dois minutos depois não me sentia melhor, mesmo quando o longo assobio soou e as luzes quentes do outro trem brilharam.

* * *

A linha Utsunomiya estava muito mais lotada do que a linha Oda ou a Saikyou. Ainda estava no horário de todos voltarem para casa depois de um dia de trabalho ou escola. O trem que chegou era muito mais velho do que os outros trens, os bancos são organizados em conjuntos de quatro voltados uns para outros o que me lembra dos trens de Nagano. Com uma das mãos segurei o apoio de um dos bancos e a outra mão no meu bolso e fiquei na passagem estreita entre os assentos. O aquecimento deixou a cabine quente e as janelas esfumaçadas com pequenas gotas de água deslizando. Todo mundo parecia cansado e ninguém disse uma palavra. A lâmpada que iluminava o vagão fez com eles se encaixassem no ambiente. Senti que eu

era o único deslocado então mantive minha respiração baixa e olhei para a paisagem passando lá fora, tentando afastar esses pensamentos.

Os prédios haviam desaparecido do cenário e agora só se viam os grandes campos cobertos de neve à distância. Naquela escuridão distante, as pequenas luzes das casas podiam ser vistas bem distantes uma das outras. Os postes altos com luzes vermelhas pareciam estar alinhados por todo o caminho até o pico das montanhas. Suas silhuetas apareceram como se fossem um exército de gigantes entre os campos de neve. Era um mundo com o qual eu não estava familiarizado. Enquanto olhava para o cenário tudo que pensava era se eu iria chegar a tempo de me encontrar com Akari. Se estivesse atrasado, não havia como deixá-la saber. Na época, os telefones celulares não eram comuns entre os estudantes do ensino médio e eu também não sabia o novo número da Akari. A neve lá fora estava ficando mais forte.

A próxima troca de trens era na estação de Koyama mas o trem andou muito devagar nessa última hora. As estações nessa linha eram quase inacreditavelmente distantes quando comparadas às da cidade e o trem parou por muito tempo em cada uma. Toda vez que ele parava, era sempre a mesma mensagem nos os alto-falantes. "Atenção por favor. Devido à programação atrasada de todos os trens este trem deve parar nesta estação por um período de tempo prolongado. Pedimos desculpas por qualquer inconveniente e pedimos para esperar pacientemente..."

Olhei para o meu relógio outra vez rezando muito para que não fosse sete horas em breve, mas isso não mudou o quão longe ainda estava do meu destino. No entanto, o tempo estava passando e cada vez que olhava eu sofria quase ao ponto de me fazer desistir da esperança. Era como se o ar ao meu redor tivesse formado uma gaiola invisível, encolhendo a cada minuto que passava.

Quando finalmente deu sete horas ainda não tinha chegado na estação de Koyama e o trem parou em uma estação chamada Nogi que estava a duas paradas do meu destino. Ainda tinha que trocar os trens na estação de Koyama para uma outra viagem de vinte minutos antes que eu pudesse alcançar a estação de Iwafune onde Akari estava esperando. Durante as duas horas desde que deixamos a estação de Oomiya, a impaciência e a desesperança continuaram a me estressar. Nunca sentia dor por tanto tempo na minha vida. Não conseguia mais saber se o vagão estava quente ou frio. Tudo que podia sentir era a escuridão da noite e meu estômago vazio porque

não comi nada desde o almoço. Logo percebi que o vagão não tinha tantas pessoas quanto antes e que eu era o único que estava em pé. Fui para um assento próximo onde ninguém estava sentado e me sentei com um baque, meus pés ficaram rígidos e entorpecidos, todo o cansaço que tinha se reunido em algum lugar no fundo do meu corpo veio à tona. Não havia nada que eu pudesse fazer para me livrar desse sentimento. Peguei a carta para Akari do bolso e olhei para ela. A hora que marcamos de nos encontrar já havia passado a muito tempo e tenho certeza que agora ela estava começando a se preocupar. Me lembrei da última ligação que tivemos. Por que sempre teve que ser deste jeito?

O trem parou por uns quinze minutos na estação de Nogi antes de começar a se mover outra vez.

* * *

Já passava de sete e quarenta quando o trem finalmente chegou na estação de Koyama. Saí do trem e corri para a plataforma da linha Ryouke onde eu amassei o memorando inútil e o joguei na lixeira.

A estação de Koyama era um grande prédio mas haviam poucas pessoas. Enquanto eu estava correndo dentro do complexo vi um grupo de pessoas sentadas em torno de um fogão em uma ampla área aberta. Me perguntei se eles vieram aqui para esperar por suas famílias. Parecia que se misturavam naturalmente com a paisagem. Só eu estava correndo impaciente.

Tive que descer algumas escadas e passar por um lugar que se assemelhava a uma estação de metrô antes de chegar à plataforma da linha Ryouke. O solo era de concreto cortado com pilares espaçados em fila, tubulações entrelaçadas e esticadas no teto. O baixo uivar do vento podia ser ouvido enquanto soprava pelos pilares. Luzes brancas iluminavam vagamente a área do túnel. As persianas do quiosque estavam fechadas. Parecia que eu havia me perdido, mas havia um outros que também estavam esperando pelo trem. Havia uma luz amarelada quente de uma pequena barraca de Soba e duas máquinas de venda, mas além disso o local estava frio.

"Devido à neve forte, todos os transportes estarão atrasados. Nos sentimos mal pelo inconveniente e pedimos que você aguarde com a gente", o anúncio nos informou enquanto ecoava pela estação. Coloquei o meu capuz para ajudar a me proteger do frio um pouco mais e fui para perto de

um dos pilares para me proteger do vento enquanto esperava. Um pouco de ar frio atingiu meu corpo enquanto se espalhava do chão de concreto. Minha impaciência e o ar frio estavam roubando o calor do meu corpo e meu estômago vazio fez meu corpo endurecer. Podia ver dois empresários comendo em pé na barraca de soba. Tinha pensado em ir comprar um, mas quando pensei em como Akari talvez estivesse me esperando com o estômago vazio, eu simplesmente não pude ir comer. Mudei de ideia e pensei que poderia pelo menos ter uma lata de café quente e caminhei para uma das máquinas de venda automática. Quando retirei a carteira do bolso, deixei cair a carta que escrevi para Akari.

Agora que me lembro, mesmo que isso não tivesse acontecido, não sei se conseguiria entregar a carta a Akari ou não. De qualquer maneira, não acho que teria mudado a forma como terminou. Nossas vidas são feitas de muitos eventos entrelaçados, quer queiram ou não, e perder essa carta foi apenas um desses eventos. No final, não importa o quão forte seus sentimentos são, lentamente eles vão mudar com o longo fluxo de tempo – tendo eu conseguido entregar a carta ou não.

A carta que caiu do meu bolso quando estava tentando tirar a minha carteira foi pega pelo vento e em um piscar de olhos foi levada para fora da plataforma e desapareceu na escuridão. Naquele momento, eu queria chorar. Eu apenas cerrei meus dentes e segurei minhas lágrimas. Eu não comprei o de café.

* * *

Eventualmente, o trem que embarquei na linha Ryouke parou completamente na rota até o meu destino. “Devido à forte queda de neve, paramos para evitar qualquer potencial problema à frente”, informou o anúncio. “Lamentamos terrivelmente o atraso, mas não temos uma estimativa de quando este serviço será retomado”, continuou. Olhei pela janela e só pude ver as vastas planícies de neve na escuridão. A pesada nevasca podia ser ouvida chacoalhando as janelas. Não entendi por que eles tinham de parar o trem no meio do nada. Olhei para o meu relógio e descobri que duas horas já haviam passado do tempo marcado. Me perguntei quantas centenas de vezes já tinha olhado para o meu relógio

naquele dia. Não queria mais ver o tempo tiquetaqueando, então eu tirei meu relógio e coloquei em uma pequena mesa perto da janela. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Só me restava rezar para que o trem começasse a se mover novamente.

Akari tinha escrito em sua carta: "Como você está Takaki-kun? Acordei cedo hoje para ir ao meu clube e estou escrevendo esta carta no trem".

Enquanto imaginava Akari escrevendo essa carta, de alguma forma senti que ela estava sempre sozinha. Também acabei percebendo que comigo era o mesmo. Tinha muitos amigos na escola, mas enquanto eu estava sentado no trem onde ninguém estava sentado ao meu lado, meu rosto escondido debaixo do capuz, percebi que este era o verdadeiro eu. O aquecimento estava funcionando, mas com tão poucos passageiros a bordo, os espaços vazios ainda pareciam frios. Não tinha ideia de como deveria me sentir - eu nunca tinha experimentado algo tão terrível na minha vida. Tudo que eu podia fazer era sentar lá, minhas costas desleixadas, rangendo os dentes para que não chorasse e desesperadamente suportar o tique-taque malicioso do tempo. Senti como se fosse ficar louco quando imaginava como Akari ainda estava esperando sozinha na estação fria e quão impotente ela podia estar se sentindo. Desesperadamente desejei que ela não estivesse mais esperando e tivesse ido para casa.

Mas sabia que ela ainda estaria lá esperando por mim.

Sabia que era verdade e por isso a tristeza e a dor me preencheram ainda mais. Parecia que a neve lá fora cairia para sempre.

4

Outras duas horas se passaram antes que o trem começasse a se mover de novo e passava onze horas quando cheguei a Iwafune, quatro horas mais tarde do que o planejado. Para mim, já era tarde da noite na época. Quando desci para a plataforma, meus sapatos fizeram um som suave enquanto cavavam a neve recente. O vento tinha parado completamente e inúmeros flocos de neve continuavam a cair silenciosamente do céu. No lado da plataforma onde eu saí, não haviam paredes ou cercas, apenas campos de

neve que se estendiam até onde podia ver. As luzes da cidade eram distantes e escassas. Estava completamente silencioso, exceto pelo barulho do motor do trem.

Eu cruzei uma ponte aérea e caminhei lentamente para a barreira de bilhetes. Você podia ver toda a cidade da ponte. Havia poucas luzes visíveis e a cidade estava ali silenciosamente enquanto a neve caía e a cobria. Entreguei o ingresso ao atendente e fui para a estação de madeira. Entrei na sala de espera. Meu corpo estava envolto em calor e o cheiro nostálgico de um fogão a óleo chegou até mim. Tudo se aqueceu no interior do meu coração e me fez fechar os olhos para sentir melhor... Quando abri meus olhos novamente, vi uma menina jovem sentada na frente do fogão com a cabeça para baixo.

A garota magra, enrolada num casaco branco, me pareceu estranha a princípio. Lentamente me aproximei dela e chamei, "Akari". Ela reagiu à minha voz como se eu também fosse um estranho. Um pouco surpresa, ela lentamente levantou a cabeça e olhou para mim. Era Akari. Os cantos de seus olhos estavam vermelhos e havia lágrimas ali reunidas. Akari parecia mais madura do que há um ano e, quando a luz dourada do fogão brilhou suavemente sobre ela, pareceu a garota mais bonita que eu já tinha visto. Estava sem palavras e meu coração pulsava forte. Foi a primeira vez que tive tal sentimento. Não podia tirar meus olhos dela. Olhei para ela como se a visão das lágrimas surgindo em seus olhos fosse um momento inestimável. Akari estendeu a mão e segurou meu casaco, o apertando. Eu dei um passo mais para perto. No momento em que avistei lágrimas se juntando em suas suaves e puras mãos brancas, uma súbita e indescritível sensação me enrijeceu de novo e quando me recuperei, percebi que estava chorando. A água quente no fogão de óleo ferveu suavemente, seu som ecoando suavemente através da estação.

* * *

Akari trouxe um obentou[1] que ela fez para mim e um pouco de chá em uma garrafa térmica. Ficamos a um assento de distância para que ela pudesse colocá-los no assento entre nós. Bebi o chá que ela pôs para mim. Tinha um aroma agradável, quente, e com um bom sabor.

[1] Tipo de marmita japonesa

— Isso é bom — disse do fundo do meu coração.

— Sério? É apenas chá houji comum.

— Chá houji? Esta é a primeira vez que bebo.

— Você não pode estar falando sério. Tenho certeza que você já bebeu antes! — Disse Akari, mas para mim, foi de fato a primeira vez que bebi chá que tinha um gosto tão delicioso. — É sério... — respondi e Akari retorna, — Sei... — com um olhar divertido.

Pensei que a voz de Akari também tinha amadurecido assim como seu corpo. Seu tom era amável, provocante, mas também um pouco tímido e ouvir isso me fez sentir o calor retornando ao meu corpo.

— Oh, e tem um pouco disso também — Akari abriu a lancheira para revelar duas vasilhas de Tupperware. Uma delas tinha quatro grandes bolinhos de arroz, enquanto a outra foi preenchida com pratos vividamente coloridos. Eram mini hambúrgueres, salsichas, omeletes, tomates cereja e brócolis. Todos estavam dispostos em pares.

— Já que fiz isso sozinha, não posso garantir que o gosto está bom...— Akari diz enquanto os coloca cuidadosamente em seu colo. — ...mas você pode provar alguns, se quiser — diz timidamente.

— Obrigado — finalmente consigo dizer. De repente me sinto quente como se estivesse prestes a chorar novamente. Me senti envergonhado e me abracei desesperadamente. Me lembrei de como estava com fome e rapidamente disse — Estou com tanta fome! — Akari sorriu para mim feliz.

Peguei um dos bolinhos de arroz e dei uma mordida grande. Mesmo durante aquela única mordida, senti como se quisesse chorar. Abaixei a cabeça enquanto mastigava, me certificando de que Akari não notaria. Foi mais delicioso do que qualquer coisa que já comi.

— Esta é a coisa mais deliciosa que já provei — falei honestamente.

— Você não acha isso.

— Estou falando sério!

— Tenho certeza que é só porque está com fome.

— Sério...

— Sim. Acho que também vou pegar alguns — disse Akari alegremente pegando um bolinho de arroz.

Nós continuamos a comer por um tempo. Até mesmo os hambúrgueres de linguiça foram surpreendentemente deliciosos. Quando tentei dizer isso à Akari, ela sorriu timidamente, mas de alguma forma também parecia orgulhosa e disse:

— Voltei para casa depois da escola para fazer isso. Minha mãe ajudou um pouco.

— O que você disse à sua mãe?

— Deixei um bilhete para dizer que chegaria em casa, não importa o quão tarde para que ela não se preocupasse.

— Fiz isso também. Sua mãe deve estar realmente preocupada agora.

— Sim... mas vou ficar bem. Quando fiz o obentou ela perguntou para quem era para e eu sorri. Ela parecia feliz. Talvez soubesse o que eu estava fazendo.

Estava muito curioso sobre o que ela sabia, mas não perguntei o que ela quis dizer e continuei a comer o bolinho de arroz. Eles tinham um bom tamanho e comendo dois de cada prato, enchi o meu estômago.

A luz dourada do fogão brilhava sobre nós. Meu rosto se sentia confortavelmente quente. Nós esquecemos do tempo e falamos sobre tudo o que queríamos enquanto bebíamos lentamente o chá. Nenhum de nós tinha pensado em ir para casa. Nenhum de nós tinha dito em voz alta, mas ambos compreendíamos. Nós dois tínhamos um número incontável de coisas para falar. Nós estávamos contando como tínhamos passado durante o ano. Embora não tenhamos colocado tais sentimentos em palavras, estávamos conversando para deixar claro o quanto queríamos estar um com o outro.

Era perto da meia-noite quando o empregado da estação bateu gentilmente na janela de vidro da sala de funcionários.

— É quase hora de fechar a estação. Não há mais trens chegando.

Era o atendente idoso a quem eu tinha entregado o meu bilhete mais cedo. Pensei que ele estava com raiva de nós, mas ele estava sorrindo. “Eu

não queria interromper, já que vocês dois parecem estar se divertindo, mas..." ele disse com um tom gentil.

— Eu tenho que fechar a estação. Tenham cuidado no seu caminho para casa. Há muita neve.

Agradecemos ao atendente e deixamos a estação.

A cidade de Iwafune estava completamente enterrada na neve. Ainda estava nevando, mas estranhamente neste mundo noturno, onde o céu e a terra estavam rodeados de neve, não sentia frio. Caminhamos animadamente ao lado um do outro sobre a neve recente. Me senti orgulhoso por ser alguns centímetros mais alto do que Akari. As luzes pálidas clareavam manchas de neve diante de nós. Observei como Akari corria feliz em direção a uma dessas manchas. Ela certamente tinha amadurecido mais do que eu podia me lembrar.

Akari me levou até uma grande árvore de cerejeira que ela tinha me contado em sua carta. Era apenas 10 minutos de caminhada da estação, mas ficava no meio de um campo de onde não se via nenhuma residência. Não havia luzes artificiais nas proximidades, mas a luz refletida sobre a neve brilhava o suficiente. Toda a proximidade foi suavemente iluminada. Era como se a bela paisagem fosse o resultado da refinada habilidade de alguém.

A cerejeira estava erguida no meio dos campos de arroz. Era larga e alta. Uma bela árvore. Nós dois ficamos debaixo dela, olhando para a neve caindo do céu escuro, pousando silenciosamente e pesando os galhos.

— Ei, parece a neve — disse Akari.

— Sim, sim — respondi. Podia sentir Akari olhando para mim sorrindo sob a árvore florescente.

Naquela noite, Akari e eu nos beijamos pela primeira vez. Naturalmente nos beijamos.

No momento em que nossos lábios se tocaram, compreendi onde a eternidade, o coração e a alma estavam. Parecia que estávamos compartilhando nossos treze anos de vida, mas depois disso, veio a tristeza.

Não sabia para onde eu poderia levar o calor de Akari e sua alma comigo ou como eu deveria tratá-la. Mesmo que ela estivesse ali diante de mim. Eu não sabia o que eu deveria ter feito. Compreendi claramente que não poderíamos estar juntos novamente depois disso. Ainda tínhamos uma longa e imprevisível vida à nossa frente, espalhada dentro da vastidão do tempo.

Mas em pouco tempo, essa inquietação desapareceu e só o calor dos lábios de Akari estava comigo. Nada no mundo era como o calor e a suavidade de seus lábios. Foi um beijo muito especial. Agora que me lembro, não houve nenhum outro beijo na minha vida inteira que poderia se comparar com a felicidade, pureza e sinceridade que senti durante esse beijo.

* * *

Nós passamos a noite em um pequeno galpão no campo. Entre todos os equipamentos agrícolas armazenados dentro do galpão de madeira, Akari e eu encontramos um velho cobertor nas prateleiras e, tirando nossos sapatos e casacos molhados, nos cobrimos e juntos conversamos calmamente. Debaixo do casaco, Akari estava usando um seifuku[2] enquanto eu estava com um uniforme comum. Já não estávamos solitários e ficamos muito felizes.

Enquanto conversávamos embaixo do cobertor encostado um no outro, de vez em quando os cabelos macios de Akari roçavam minhas bochechas e pescoço. Cada vez que isso acontecia, o seu aroma doce me excitava enquanto o toque quente de seu corpo mantinha meus sentidos satisfeitos. A voz de Akari suavemente fazia o meu cabelo balançar enquanto minha voz também balançava o dela. A neve lá fora estava diminuindo e ocasionalmente, o galpão seria preenchido com a luz da lua que fazendo tudo parecer uma ilusão. Antes que pudéssemos perceber, adormecemos.

Quando acordamos era por volta das seis da manhã e a neve já tinha parado. Nós bebemos um pouco do chá que sobrou e que ainda estava ligeiramente quente, em seguida, vestimos nossos casacos e começamos a

[2] Uniformes escolares baseados em uniformes de marinheiros.

caminhar até a estação. O céu estava azul e o sol nascente brilhava sobre a crista das montanhas, fazendo os campos cobertos de neve brilharem. Era um mundo deslumbrante.

Na plataforma naquela manhã de sábado, eu era o único passageiro. O trem laranja e verde tinha chegado, seus vagões brilhando debaixo do sol nascente. As portas se abriram e, enquanto andava, olhei em direção à plataforma. Akari, aos 13 anos, estava de pé ali, com os botões de seu casaco branco desabotoado, revelando parte do seu uniforme.

Sim, eu percebi. A partir daquele momento, estaríamos sozinhos novamente e teríamos que voltar para nossos próprios mundos.

Mesmo tendo conversado muito ontem à noite, mesmo estando tão próximo, de repente, íamos nos separar novamente. Fiquei em silêncio, sem saber o que dizer. Foi Akari quem falou.

— Ei, Takaki-kun.

— Huh? — respondi como se eu achasse difícil respirar.

— Takaki-kun... — ela disse mais uma vez, hesitando. Os campos de neve, banhados pelo sol nascente, brilhavam como a superfície de um lago e Akari parecia tão bela contra a paisagem. Ela de repente olhou diretamente para mim e continuou enquanto reunia todas as suas forças.

— Takaki-kun, tenho certeza que você vai ficar bem! Eu sei que ficará!

— Obrigado... —consegui dizer antes que as portas do trem começassem a fechar.

Não poderia deixá-la assim. Eu tinha que responder. Gritei com todas as minhas forças para que minha voz pudesse alcançá-la através das portas fechadas.

— Se cuide também, Akari! Vou te escrever! Eu ligo para você!

Nesse momento, senti que ouvi o grito estridente de um pássaro. Quando o trem começou a se mover, nossas mãos tocaram o mesmo ponto na janela da porta. Elas foram separadas quase que imediatamente, mas apenas por um breve momento, elas tocaram no mesmo lugar.

Enquanto o comboio se movia, continuei parado ali, perto das portas.

Não pude dizer a Akari que escrevi uma carta para ela, nem pude dizer que a perdi. Pensei que poderíamos nos encontrar novamente algum dia, mas senti que o mundo inteiro tinha mudado depois do nosso beijo.

Gentilmente coloquei minha mão no local onde Akari tinha tocado.

"Takaki-kun, tenho certeza que você vai ficar bem", Akari tinha dito.

Era como se suas palavras tivessem atingido algo dentro de mim - algo que eu mesmo não sabia sobre mim - tinha um sentimento misterioso sobre elas. Tive a sensação de que algum dia, num futuro distante, as palavras de Akari se tornariam uma preciosa força para mim.

Mas naquele momento eu só podia continuar a olhar pela janela, para o cenário que passava, e pensar comigo mesmo... se pelo menos eu tivesse o poder para protegê-la.

Cosmonauta

1

A água ofuscava sob o sol nascente. O céu estava azul e meu corpo se sentia leve na água que parecia quente contra minha pele. Eu era a única que flutuava no mar de luzes. Em momentos como esses me sentia como se fosse especial e isso me fazia um pouco mais feliz. Os problemas que me preocupavam não podiam me incomodar.

Continuei a remar com toda a minha energia onda após onda enquanto pensava comigo mesma que talvez a causa das minhas preocupações fosse porque eu estava tão otimista e fiquei feliz tão facilmente. O mar da manhã era lindo. Era muito difícil descrever as cores das ondas enquanto elas se chocavam pouco a pouco. Foi o suficiente para chamar minha atenção enquanto a prancha que eu estava deslizou para a face da próxima onda. Senti que estava pronta para me levantar na prancha, mas perdi meu equilíbrio e caí sob as ondas. Falhei novamente. Engoli um pouco de água do mar e entrou um pouco no meu olho.

Minha primeira preocupação: nunca consegui ficar de pé sobre a minha prancha de surf nos últimos seis meses.

Fiz meu caminho de volta até o estacionamento na costa (era apenas um campo aberto cheio de ervas daninhas crescendo) e usando a grama alta de

cobertura, tirei o wetsuit[3] que se encaixava perfeitamente contra a minha pele então reguei meu corpo nu com água e troquei para o meu uniforme escolar. O lugar estava deserto. Os fortes ventos do mar eram muito confortáveis depois de me aquecer com o exercício. Meu cabelo curto, quase no ombro, secou em um piscar de olho. O sol nascente lançava as longas sombras tortuosas das ervas daninhas sobre o meu uniforme seifuku branco. Eu amo o mar, mas o amo especialmente durante essa estação. Se fosse inverno, teria sido muito desconfortável me trocar assim.

Enquanto eu colocava um pouco de hidratante em meus lábios secos, ouvi a van da minha irmã mais velha chegar, então levei minha prancha de surf e minha mochila esportiva comigo e fui até ela. Ela estava vestindo um conjunto vermelho de corrida e regulando a janela do assento do motorista quando chamou por mim.

— Kanae, como foi hoje?

Minha irmã era linda. Seu cabelo era longo e reto, ela sempre manteve a compostura e era professora do ensino médio. Oito anos mais velha do que eu e há um tempo atrás não gostava dela. Talvez tivesse um complexo onde sempre me comparava e me analisava contra a minha irmã brilhante. Mas gosto dela agora. Antes que soubesse, passei a respeitá-la depois que ela se formou na universidade e voltou para a ilha. Se ela não usasse esse conjunto de corrida velho ela ficaria muito mais bonita do que agora. Mas talvez ela esteja assim por não querer se destacar muito nesta pequena ilha.

— Hoje também não consegui. O vento estava para o mar o tempo todo — respondi enquanto colocava a prancha no porta-malas.

— Não se preocupe com isso, leve seu tempo. Vai vir praticar depois da escola também?

— Sim, eu quero. Tudo bem para você, irmã?

— Tudo bem. Mas não se esqueça de estudar também.

— Ok ok.

Respondi em um tom sarcástico e segui para uma scooter estacionada em um canto do parque. A Honda Super Cub[4] foi da minha irmã durante seu

[3] Roupa de mergulho
[4] Modelo de scooter da Honda.

tempo de escola. Nossa ilha não tem nenhum carro e quase nenhum ônibus por isso a maioria de estudantes têm que obter sua licença para moto quando completam dezesseis. Viajar na scooter era muito conveniente e confortável, mas cada vez que vou para o mar, a minha irmã leva a van até o parque de estacionamento já que a scooter não pode levar a prancha de surf. Era hora de ir para a escola agora. Estava indo para minhas aulas e minha irmã ia ensinar a dela. Quando virei a chave para ligar o motor, verifiquei a hora em meu relógio. Eram sete e quarenta e cinco. Sim, ainda tinha tempo. Ele ainda deve estar praticando. Segui minha irmã na Cub e nós deixamos o litoral para trás.

Comecei bodyboarding[5] no primeiro ano do ensino médio porque fui influenciada pela minha irmã e no primeiro dia fui contagiada pela alegria do esporte. Minha irmã estava no clube de surf durante a universidade. Não era muito moderno e laborioso (nos primeiros três meses tudo o que eles fizeram foi um treinamento básico para se preparar para o mar. Eles passaram seu tempo remando e treinando mergulho de pato todos os dias até o pôr do sol!) e eu não entendia por que eles queriam ir contra algo tão incrivelmente grande como o mar, mas pensei que era uma coisa linda de se fazer. Então, em um dia ensolarado no meu segundo ano de ensino médio, de repente pensei que também queria deslizar nas ondas em algum momento. Para fazer isso tive que aprender a ficar de pé em uma prancha curta ou longa e, já que sou aventureira precisava ser a prancha curta para que eu pudesse girar e virar e, quando comecei a aprender, consegui deslizar nas ondas várias vezes por pura sorte, mas desde então, por algum motivo, nunca mais fui capaz de me levantar novamente. Tinha começado a pensar que talvez devesse abandonar a prancha curta que é difícil de usar, mas não tinha certeza se deveria desistir tão facilmente em algo que tinha decidido para mim e, com essa hesitação em mente, já era o terceiro ano de escola secundária e em um piscar de olhos já era verão novamente.

Thump! O pequeno som agradável podia ser ouvido misturado com o cantar dos pássaros na manhã. Era o som de uma flecha que perfurava um pedaço de papel em uma tábua sendo usada como alvo. Eram oito e dez e

[5] Bodyboarding é um esporte praticado na superfície das ondas em que o surfista usa sua prancha para deslizar pela crista, face ou curva de uma onda em direção à areia.

eu estava na sombra do prédio da escola me sentindo muito nervosa. Dei uma olhada para trás e, como de costume, ele estava lá na área de de tiro com arco praticando.

Todas as manhãs ele sempre praticava e essa foi realmente uma das razões pela qual eu estava praticando surf todas as manhãs. Se ele parecia cheio de energia na parte da manhã, de alguma forma, isso me fez querer estar cheia de energia também. Foi maravilhoso vê-lo atirar uma flecha com aquele olhar sério em seu rosto. Eu estava muito envergonhada para vê-lo de perto, então sempre mantive cerca de cem metros de distância ao assistir. Até mesmo espiar.

Por alguma razão, endireitei minha saia, arrumei meu uniforme e respirei profundamente. Bem! Apenas seja natural, disse a mim mesma e então comecei a caminhar em direção a área de tiro com arco.

— Ei, bom dia.

Ele cumprimentou como todas as manhãs, parando sua prática quando me viu chegar. Aaah! Ele é tão legal! Ele tem uma voz tão profunda e fria!

Meu coração batia rápido, mas continuei caminhando em sua direção, fingindo estar calma. Fingia estar apenas de passagem. Respondi, tomando cuidado para que minha voz não me entregasse.

— Bom dia, Tohno-kun. Você chegou cedo de novo.

— Você também, Kanae. Estava no mar, certo?

— Sim.

— Você treina duro, não é?

— Eu — ele me surpreendeu ao me elogiar assim. Oh não, isso não é bom. Meu rosto provavelmente está ficando vermelho vivo!

— Não... na verdade não... Eheheh, vejo você mais tarde, Tohno-kun! — Fugi rapidamente, envergonhada e feliz ao mesmo tempo. — Sim, vejo você mais tarde. — Ouvi sua voz gentil atrás de mim.

Meu segundo problema: tinha um amor não correspondido por Tohno-kun. Na verdade, tem sido assim por cinco anos. Eu o chamo de "Takaki Tohno-kun". Eu só poderia estar com Tohno-kun por mais seis meses antes da formatura no ensino médio.

E meu terceiro problema: o papel na minha mesa resumiu tudo. Eram agora oito e trinta e cinco e estávamos no meio da nossa aula. Eu mal ouvia o Sr. Matsuno. Ele estava dizendo "Ouçam. É hora de vocês tomarem uma decisão por vocês mesmos. Discutam com suas famílias..." ou algo assim. No pedaço de papel foi escrito o título, "Questionário Guia Para Três Carreiras". Eu só consegui responder metade do papel.

Meio-dia e meia. Era hora do almoço e estavam tocando música clássica na sala de aula, e eu tinha certeza de que já ouvi em algum lugar antes. Por alguma razão, fiquei imaginando um pinguim patinando enquanto escutava a melodia. A que lembranças essa música que se ligava na minha memória? Desisti de tentar lembrar o nome da melodia e me concentrei nos ovos fritos que minha mãe tinha feito para o meu obentou. Eles estavam deliciosos. Podia sentir o gosto se espalhando, me enchendo de felicidade. Me sentei junto com Yukko e Saki-chan que estavam falando sobre suas opções de carreira.

— Ouvi que Sasaki-san vai fazer um exame de admissão na Universidade de Tóquio.

— Sasaki-san? Você quer dizer Kyoko?

— Não, não. Eu quero dizer o Sasaki-san do grupo um.

— Oh, o Sasaki-san do clube da literatura. Não me surpreende!

Ouvir sobre o grupo um me deixou nervosa. Era o grupo do Tohno-kun. A cada ano, os estudantes são divididos em três grupos em minha escola secundária. O primeiro e segundo grupos que são ensinados os assuntos comuns, mas as pessoas que estão no primeiro são aquelas que querem ir para a universidade. O terceiro grupo é ensinado sobre a indústria e muitos dos alunos vão para uma escola dedicada ou direto para o trabalho, a maioria permanecendo na ilha. Eu estava no terceiro grupo. Não tinha perguntado ao Tohno-kun ainda, mas ele provavelmente estava planejando ir para a universidade. De alguma forma, tive a sensação de que ele queria voltar para Tóquio. O ovo frito que eu estava comendo de repente perdeu seu gosto enquanto pensava sobre isso.

— E você, Kanae? — Perguntou de repente Yukko, mas eu não estava pronta para responder.

— Você não disse que estava planejando ir direto para o trabalho? — Saki-chan continuou. Fiz uma pausa... sem saber o que dizer. Só não sabia o que eu ia fazer ainda.

— Você realmente não pensou nisso, não é? — Disse Saki-chan parecendo chocada. — Tudo o que ela pensa é Tohno-kun — disse Yukko. — Mas ele provavelmente já tem uma namorada em Tóquio. — Saki seguiu em frente.

— De jeito nenhum! — Gritei a sério.

As duas riram. Elas sabiam tudo sobre os sentimentos que tentei esconder.

— Ah, eu não me importo mais. Vou pegar um iogurte da máquina de vendas. — Disse quando me levantei do meu assento irritada. Eu sabia que elas estavam apenas brincando, mas "A História da Namorada de Takaki Tohno" era demais para mim.

— O que! Você vai pegar outro? Já é o segundo!

— E daí? Estou com sede.

— Essa é a nossa garota surfista!

Eu deixei suas piadas para trás e caminhei para o corredor sozinha onde a brisa leve estava soprando. Caminhei olhando os quadros pendurados na parede. Eram fotos de foguetes lançando-se ao céu com uma enorme nuvem de fumaça. "H2 Rocket Nº 4 Lançamento - Heisei 9º Ano (2001), 17 de agosto 10:53", "H2 Rocket Nº 6 Lançamento - Heisei 9º Ano (2001), 28 de novembro 6:27"... Havia rumores de que cada vez houvesse um lançamento bem-sucedido, alguém da NASDA[6] viria tirar uma foto.

Vi muitos lançamentos de foguetes. Você pode ver claramente os foguetes subindo para o céu com uma pluma de fumaça branca, não importa onde você esteja na ilha. Agora que penso sobre isso, parece que não tivemos um lançamento já faz alguns anos. Tohno-kun só esteve na ilha por cinco anos, mas me pergunto se ele já viu um lançamento de foguete. Espero que um dia nós possamos ver juntos. Se for a primeira vez para ele, acho que ficaria muito emocionado e se pudéssemos assistir um a sós, acho que vamos

[6] National Space Development Agency, agência espacial japonesa.

nos aproximar bastante. Mas falta apenas seis meses antes de nossas vidas no colégio chegarem ao fim. Gostaria de saber se seremos capazes de ver um antes disso. Ah, e será que até lá eu também seria capaz de ficar de pé na minha prancha de surf? Um dia, quero que Tohno-kun me veja surfar, mas não quero fazer feio. Eu quero que ele sempre veja o meu melhor. Falta apenas seis meses... Não, há uma chance de Tohno-kun decidir ficar na ilha também. Se isso acontecer, então vou ter muitas chances de mostrar para ele e então também posso decidir trabalhar na ilha depois do ensino médio. Mas de alguma forma, não imagino ele ficando. Ele não parece ser o tipo de pessoa que viveria em uma ilha. Suspiro...

...E assim, todos os meus problemas estão centrados em volta de Tohno-kun. Mesmo sabendo que não posso ficar tão preocupada assim, sempre me preocupo.

Foi por isso que decidi que confessaria meu amor a Tohno-kun no dia que eu pudesse deslizar nas ondas.

* * *

Eram sete e dez da tarde[7]. O som das cigarras japonesas mudou de repente para o das cigarras mais comuns. Provavelmente não demorará muito para que os grilos possam ser ouvidos. Já estava um pouco escuro, mas a luz do pôr-do-sol ainda permanecia e as nuvens altas brilhavam douradas. Se ficasse olhando para elas, poderia dizer que elas estavam fluindo para o oeste. Há pouco tempo atrás, o vento soprava para a terra - o vento vindo do mar significa que as ondas não são boas, mas agora pode ser um bom momento para deslizar nas ondas. No entanto, isso não muda o fato de que eu não estava confiante de que conseguiria surfar.

Fiquei na sombra do prédio da escola e olhei para o estacionamento. Não havia muitas scooters sobrando e não havia sinais de outros estudantes nas proximidades dos portões. Todas as atividades dos clubes tinham encerrado. Em outras palavras, voltei para a escola depois que terminei de surfar e estava escondida, à espera de que Tohno-kun chegasse ao estacionamento (é

[7] Durante o verão japonês, o sol se põe em torno das 19:00

um pouco assustador quando penso no que eu estava fazendo), mas talvez ele já tivesse ido para casa. Decidi esperar um pouco mais e desejei que pudesse deslizar nas ondas logo.

Estava preocupada se eu poderia surfar corretamente ou não, sobre o meu relacionamento com Tohno-kun e sobre o meu futuro. Claro, provavelmente tenho muitos outros problemas em minha cabeça, mas aqueles foram os meus três maiores. Por exemplo, um dos meus outros pequenos problemas foi o meu bronzeado. Eu realmente não tenho uma pele escura (talvez), mas não importa o quanto protetor eu coloque sempre acabo com um bronzeado mais escuro do que meus colegas. Minha irmã me diz que é natural porque eu surfo, minhas amigas Yukko e Saki-chan dizem que me deixa bonita, mas sinto que é ruim minha pele ser mais escura do que a do cara que eu gosto. A pele de Tohno-kun é tão branca e bonita.

Minhas outras preocupações incluíam como meus seios não estavam crescendo (eu tenho o mesmo DNA que minha irmã, então por que seu busto cresce bem e o meu não!), meus resultados escolares não são devastadoramente bons, talvez eu não tenha bom gosto para roupas, talvez eu seja muito saudável e não consigo pegar o resfriado (o que me deixa um pouco menos atraente do que outras garotas), etc. Tive uma montanha inteira de problemas para me preocupar.

Espiei o estacionamento novamente dizendo para mim mesma que enumerar os meus problemas não iria ajudar. Eu podia ver uma silhueta familiar se aproximando à distância lentamente. Sim! Eu sabia que devia ter esperado! Nossa, eu sou boa! Rapidamente respirei fundo e casualmente caminhei em direção ao estacionamento.

— Ei, Sumida. Está indo para casa agora? — Ele tem uma voz tão agradável. Logo pude vê-lo claramente sob as luzes do estacionamento. Tinha um corpo esguio, cabelos longos que cobriam um pouco dos seus olhos e andava de um jeito muito calmo.

— Sim... E você, Tohno-kun? — Podia sentir minha voz tremendo. Ah cara! Eu gostaria de me abraçar agora mesmo.

— Sim. Quer ir para casa juntos?

Se eu tivesse uma cauda como a de um cachorro, tenho certeza de que estaria abanando felizmente agora. Ah, estou tão feliz por não ser um cachorro já que pensei seriamente que ele teria me mandado embora, mas também fiquei contente já que a sorte nos deixou ir para casa juntos.

Fomos juntos por um longo de um caminho estreito cercado por campos de cana-de-açúcar. Enquanto eu olhava para as costas de Tohno-kun, ele dirigia na minha frente, podia realmente sentir como a sorte estava sorrindo para mim. Me senti aquecida por dentro e assim como quando falhei no surf, podia sentir minhas narinas tensas. Não sei por que, mas a sensação de felicidade e tristeza pareciam iguais.

Eu pensei comigo mesma que Tohno-kun era diferente de outros caras quando pus meus olhos nele. Ele se transferiu para Tanegashima de Tóquio durante o segundo ano do ensino secundário na primavera. Ainda posso me lembrar claramente de como ele se parecia no dia da cerimônia de abertura do novo semestre. Lá em pé na frente do quadro-negro estava um cara que eu não conhecia. Ele não parecia tímido ou nervoso e tinha um sorriso calmo em seu belo rosto.

— Eu sou Takaki Tohno. Me mudei de Tóquio há três dias por causa do trabalho do meu pai. Estou acostumado a transferir de escolas, mas ainda não estou familiarizado com esta ilha. É um prazer conhecê-los.

Ele não falava muito rápido ou muito devagar, não estava nervoso, soava calmo com um sotaque perfeito e entonação. Era como se ele fosse um apresentador de televisão. Se fosse eu - teria me comportado de maneira completamente oposta por ter mudado de uma cidade supergrande para um lugar rural supergrande (bem, é realmente uma ilha) - meu rosto ficaria vermelho brilhante, minha cabeça em branco e eu, sem dúvida, seria incomodada por ter um sotaque diferente de todos os outros. No entanto, lá estava ele e, embora estivéssemos em torno da mesma idade, eu me perguntava como ele poderia ainda estar tão calmo e falar em uma voz clara como se não houvesse ninguém na frente dele? Que tipo de vida ele leva e o que este indivíduo vestido em um uniforme preto tem? Era a primeira vez em minha vida que queria saber tanto sobre alguém, e naquele momento, o destino me deixou apaixonada.

Desde então, minha vida mudou. Sempre vi tudo à sua maneira, fosse a cidade, a escola ou a realidade. Não importa onde eu estivesse, na aula, depois da escola ou se estava passeando com meu cachorro, sempre estaria olhando para ele pelo canto dos olhos. Ele pode parecer legal demais, mas ele era sociável e fez muitos amigos rapidamente, todos os caras, mas como eles não saiam como um grupo consegui alcançá-lo várias vezes no momento certo.

Quando chegamos no ensino médio, acabamos em diferentes classes, mas era um milagre que ainda estivéssemos na mesma escola. Digo isso, mas não havia realmente muitas escolas para escolher nesta ilha, mas com suas notas acho que ele poderia ter escolhido qualquer escola que quisesse. Em vez disso, ele simplesmente escolheu a que estava mais próxima. Mesmo na escola secundária, ainda estava apaixonada por ele e durante aqueles cinco anos desde o dia em que ele chegou, esses sentimentos nunca enfraqueceram, ficaram mais fortes com o passar dos dias. Claro, queria me tornar a pessoa mais especial para ele, mas abraçar meu amor sozinha era mais do que suficiente. Eu nunca imaginei que seria capaz de sair com ele. Toda vez que eu o via na escola ou na cidade, meu amor por ele crescia mais forte e todos os dias me fazia sofrer, mas ao mesmo tempo estava feliz e me sentia um pouco indefesa.

Eram sete e meia da noite. Estávamos comprando algo em uma loja de conveniência chamada “Ai Shop”. Tohno-kun vinha aqui de zero a sete vezes na semana – se eu tivesse sorte, poderia ir mais vezes para casa com ele, ou se eu tivesse azar, uma vez a cada quinzena. Mas sem perceber, se tornou um hábito para mim visitar o Ai Shop no caminho para casa também. Mesmo se parecendo com uma loja de jardinagem onde uma senhora venderia sementes de plantas cultivadas em casa, aqui tinha uma grande variedade de lanches. Pode se ouvir um J-pop tocando em algum fone de ouvido. Lâmpadas longas brilhavam firmemente ao longo do teto e iluminavam o interior da pequena loja.

Tohno-kun sempre comprar a mesma coisa toda vez. Ele sempre pegava uma caixa de papel de Dairy Coffee sem hesitação. E toda vez, eu não sabia o que comprar. O que eu deveria comprar para parecer bonita. Se comprasse o mesmo café que ele, ficaria muito óbvio o que eu estava fazendo (apesar de estar querendo sua atenção), o leite parecia muito grosseiro, a caixa amarela da bebida Daily Fruits parecia bonita, mas eu não gostei do sabor e

eu queria experimentar alguns Dairy Black Vinegar mas pareciam difíceis de beber.

E assim, enquanto eu estava muito ocupada decidindo o que comprar, cada vez o Tohno-kun me dizia: "Sumida, eu espero por você lá fora", antes de me deixar e ir para o balcão. Era uma pena, porque eu gostava de estar ao lado dele. Assim, me apressei e escolhi o Dairy Yogurt outra vez. Quantos já tomei hoje? Eu tinha comprado um na escola, em seguida, na hora do almoço tomei mais dois, então este já seria o meu quarto. Acho que um vigésimo do meu corpo é feito de Dairy Yogurt.

Saí da loja e, quando estava a ponto de virar a esquina, vi Tohno-kun encostado na scooter escrevendo e-mails no telefone. Sem querer, rapidamente me encolhi nas sombras. O céu era azul escuro e somente as nuvens que se moviam com o vento, ainda tinham algum do vermelho do sol. Logo seria noite na ilha. O som dos insetos e da cana-de-açúcar balançando no vento encheu o ar ao nosso redor. Havia um aroma do jantar de alguém. Estava tão escuro que não conseguia entender sua expressão. Apenas a luz do LCD de seu celular podia ser vista.

Olhei alegremente e caminhei na direção dele. Ele naturalmente colocou seu celular no bolso quando percebeu que me aproximava e disse em sua voz amável, "Hey Sumida. O que você comprou?"

— Eu não sabia o que comprar, mas acabei pegando outro iogurte. Sabe, esta é o quarto hoje. Incrível, não é?

— O que? Você deve estar brincando. Mas agora que falou, você sempre bebe ela Sumida.

Enquanto conversávamos, minha atenção se voltou para o meu próprio telefone que estava dentro da bolsa de esportes que eu estava carregando nas costas. Já desejei milhares de vezes que fosse para mim que Tohno-kun estivesse escrevendo. Mas nunca recebi nenhum e-mail dele. Por isso também nunca pude escrever nenhum para ele. Pensei comigo mesma que, não importa quem eu namore no futuro, vou pensar apenas sobre essa pessoa e o tempo que passamos juntos. Nunca vou olhar para o meu celular para que ele não pense que estou pensando em outra pessoa enquanto estamos juntos.

Enquanto as estrelas começavam a brilhar no céu noturno, continuei falando com o cara que eu gostava, mas não pude me confessar. Senti

vontade de chorar, mas estava determinada a me declarar em algum momento no futuro.

2

Hoje as ondas eram muitas e altas. Mas o vento parecia soprar para a praia, logo, muitas ondas também quebravam rapidamente. Eram cinco e quarenta. Já tinha tentado desafiar várias ondas desde que vim para o mar depois da escola, mas nem uma vez consegui me levantar. Qualquer um pode deslizar na espuma branca que aparece depois que uma onda se quebrou, mas eu quero surfar corretamente, deslizar no pico e seguir surfando sobre a superfície.

Lutei desesperadamente contra as ondas, mas minha atenção sempre acaba sendo pega pelo mar e pelo céu. Estava muito nublado hoje então por que o céu ainda parece tão alto? A cor do mar e a espessura das nuvens estavam mudando a cada momento. Enquanto lutava contra o mar, minha linha de visão variava entre alguns centímetros de diferença e o mar em constante mudança era como minhas emoções. Quero ser capaz de me levantar em breve. Quero saber como é o mar quando estou deslizando na minha altura máxima de cento e cinquenta e quatro centímetros. Não importa o quão bom alguém seja na pintura, tinha certeza de que nunca seriam capazes de capturar a beleza do mar que eu estava vendo agora. Nem mesmo uma foto ou talvez até um vídeo poderia fazer isso. Nos disseram como a tecnologia "High Definition" do século XXI tinha mil novecentos e vinte pixels de largura, o que permite que muitos detalhes sejam capturados. Mesmo assim, não é suficiente para capturar a beleza do mar em sua totalidade. Apenas não era possível para uma resolução de mil novecentos e vinte por mil e oitenta pixels capturar o que eu vi diante de mim. Era bonito em seu direito, mas me pergunto se o inventor ou produtor de filmes de tal tecnologia estava ciente disso também? Rezei para que ainda pudesse ver este cenário de uma maneira tão bonita, mesmo à distância. Eu queria que Tohno-kun também visse e de repente, comecei a pensar sobre o que aconteceu na escola hoje.

Enquanto estava almoçando como de costume com Yukko e Saki-chan, uma transmissão foi feita solicitando Kanae Sumida do terceiro ano, classe

três. Me pediram para ir à sala de consulta de carreiras. Eu sabia por que estava sendo convocada, mas ao mesmo tempo estava mais preocupado com o quão embaraçoso seria de Tohno-kun ouvisse a transmissão. E minha irmã também.

Quando cheguei à sala dos conselheiros, o Sr. Itou estava lá sentado com um único pedaço de papel na frente dele. Era o formulário do questionário de orientação de carreira que tinha escrito meu nome. O barulho de cigarras podia ser ouvido das janelas abertas como se para deixar todos saberem que era verão, mas a sala estava agradavelmente fresca. As nuvens se moviam rapidamente pelo céu e os raios de sol estavam desaparecendo e reaparecendo através das rachaduras. Era um vento oriental. Fiquei sentada de frente para o professor, pensando que haveria muitas ondas hoje.

— Você é a única no terceiro ano que ainda precisa decidir o que fazer, Sumida — ele disse suspirando como se de propósito, parecendo irritado.

— Desculpe... — respondi e fiquei em silêncio sem saber mais o que dizer. O professor também ficou em silêncio. Ficamos assim por um tempo.

O formulário tinha "Por favor, selecione uma das seguintes opções" impresso nele de forma ordenada e eu estava olhando para a outra metade desamparadamente.

1: Ir para o ensino superior, universidade (A: Um curso de 4 anos, B: Um curso de curto prazo);

2: Uma escola técnica;

3: Ir para o trabalho (A: Por área, B: Por tipo de trabalho).

Ao lado da escolha da universidade havia também a opção de uma instituição privada ou pública e imediatamente depois, havia também uma lista de faculdades - medicina, odontologia, farmácia, física, engenharia, agricultura, vida marinha, negócio, literatura, economia, línguas estrangeiras e educação. Era algo semelhante se escolhesse ir para uma escola técnica ou participar de um curso de curto prazo - música, arte, creche, nutricionista, moda, computação, enfermagem, cozinha, cosméticos, estudos de mídia ou trabalhador do setor público... Já estava tendo vertigem lendo todas as palavras. Quanto à escolha de entrar em um trabalho e em que área na ilha, poderia estar dentro da região de Kogashima, Kyushuu, Kansai, Kantou ou outros.

Eu olhei entre as opções “dentro da ilha” e “Kantou”. Então “Tokyo” veio à mente, um lugar que eu nunca tinha ido e nunca tinha pensado em ir. Minha imagem da atual Tóquio de 1999 era que ela deveria ser lotada de gangsters (!) Em Shibuya, meninas que se parecem com estudantes do ensino médio vendendo roupas íntimas, vinte e quatro horas de emergências e crimes e, a bola gigante erguida em cima da insanamente muito grande torre da TV Fuji para sabe-se lá que propósito. Então imaginei Tohno-kun de camisa andando de mãos dadas com uma menina em meias vermelhas que tinha cabelo tingido de marrom. Rapidamente cortei minha imaginação. Pude ouvir o ruidoso suspiro do Sr. Itou novamente.

— Sabe. Você realmente não precisa pensar muito nisso. Com seus resultados pode ir para uma escola dedicada ou fazer um curso de curta duração na universidade. Se seus pais deixarem, você pode frequentar um em Kyushuu ou se não, pode apenas ficar em Kagoshima para encontrar um emprego. Isso não é bom o suficiente? Já tentou conversar com sua irmã, Sumida-san sobre isso?

— Não, eu não falei... — disse em voz baixa e voltei a ficar em silêncio. Minhas emoções estavam girando embaralhadas. Por que ele tinha que me chamar aqui e trazer minha irmã para isso? Por que ele cresceu uma barba? Por que ele está usando sandálias? Apenas desejei que o horário de almoço terminasse em breve.

— Sumida. Não sei o que está pensando se não disser nada.

— Sim senhor. Desculpe, senhor...

— Fale sobre isso com sua irmã esta noite. Vou avisá-la com antecedência.

Continuei a pensar comigo mesma, por que ele estava continuando a fazer coisas que eu não gostava?

Enquanto lutava com o mar, vi uma grande onda diante de mim. O tubo surgiu das ondas brancas, se fechando como um rolo e pouco antes do impacto, remei minha prancha com todas as minhas forças para passar. Havia realmente várias ondas hoje e continuei a mergulhar para que pudesse ir mais longe para o mar.

Eu pensei comigo mesma, “Este não é o lugar”.

Eu não estava no lugar certo... continuei repetindo a frase para mim mesma como um canto.

E então percebi que essas palavras eram algo que tinha se ligado a Tohno-kun todo esse tempo.

Tive tais momentos de vez em quando. Momentos em que de repente percebia algo como se tivesse poderes especiais. Se era na loja de conveniência que íamos depois da escola, o estacionamento deserto, atrás da escola na parte da manhã ou quando Tohno-kun estava digitando um e-mail no seu celular, posso ouvir as palavras, “Este não é o lugar" dele. Eu sei disso, Tohno-kun. Me sinto da mesma maneira. Você não é o único a pensar que este não é o lugar certo, Tohno-kun. Tohno-kun, Tohnokun, Tohno-kun... Comecei a me levantar na prancha enquanto repetia o nome dele, mas apenas quando estava prestes a me levantar fui derrubada no mar. Engoli um pouco de água e em pânico, agarrei na minha prancha que surgiu na água e comecei a remar com força. Lágrimas e muco estavam escorrendo como se estivesse realmente chorando.

Mais tarde, eu estava sentada na van junto à minha irmã enquanto voltávamos para a escola, mas não consegui falar sobre os meus planos futuros.

Era noite, sete e quarenta e cinco. Eu estava agachada em uma das prateleiras da loja. Estava sozinha hoje. Esperei por um tempo no estacionamento, mas Tohno-kun não apareceu. O dia parecia ter sido desperdiçado. No final, comprei outro Dairy Yogurt. Fiz o meu caminho de volta para o estacionamento, bebi o iogurte de uma vez só, coloquei meu capacete e saí com a minha scooter.

A scooter estava correndo ao longo das planícies quando olhei para o horizonte mal iluminado no Oeste. Podia ver a cidade inteira de relance na minha esquerda e a costa também podia ser vista acima de toda a vegetação. À minha direita haviam campos estreitos com algumas colinas. Nessa ilha, este provavelmente era o lugar com a melhor vista e também era o caminho que Tohno-kun usava para retornar para casa. Se ele estivesse dirigindo lentamente talvez eu conseguisse alcança-lo. Ou talvez ele tenha ido para casa há muito tempo atrás? O motor repentinamente fez um barulho e parou por um breve momento, mas logo voltou ao normal. Esta Cub ia se

aposentar logo. Quando eu estava para perguntar à Cub se estava tudo bem, uma scooter estacionada ao lado do caminho chamou minha atenção. É a scooter dele! Me senti tão confiante pela primeira vez e estacionei a minha próxima a ele.

Inconscientemente comecei a subir a encosta íngreme. A grama de verão parecia suave enquanto seguia meu caminho. Ah não. O que estou fazendo? De repente estava calma novamente. Tinha certeza que a scooter que vi pertencia ao Tohno-kun, mas por que eu estava indo até ele em um momento como este? Era óbvio que não deveria vê-lo neste tipo de situação. Pelo meu próprio bem. Mesmo assim, continuei a subir o declive gramado e quando o campo de visão se abriu, lá estava ele. Estava sentado lá no alto com as costas contra o céu noturno estrelado, digitando em seu celular como eu esperava.

O vento bateu em mim como se tivesse movido meu coração, passando pelo meu cabelo e uniforme, enchendo o ambiente com o som da grama balançando. Como se em resposta pudesse começar a ouvir o bater do meu coração que continuou a aumentar pois eu não queria ouvi-lo.

— Ei, Tohno-kun!

— Ei, Sumida. Como sabia que eu estava aqui? — Tohno-kun respondeu em uma voz alta e um pouco surpreso.

— Heheheh... Vi sua scooter então acabei te procurando por aqui! Se importa? — Disse caminhando rapidamente para ele. Eu continuava dizendo a mim mesma que não tinha motivo para ficar nervosa.

— Oh, entendo. Estou muito feliz já que não te vi no estacionamento hoje.

— Eu também! — disse o mais alegremente que pude e tirando minha mochila esportiva, me sentei ao lado dele. Feliz? Você está realmente feliz em me ver, Tohno-kun? Eu podia sentir meu coração pulsando muito forte. Sempre era assim quando eu estava perto dele. As palavras, "Este não é o lugar" fariam meu coração pulsar. O horizonte no oeste tinha sido envolto na escuridão antes que eu percebesse.

O vento se fazia mais forte de vez em quando, balançando as luzes da cidade espalhadas abaixo de nós. A escola parecia muito pequena e ainda tinha luzes acesas. Sob as luzes amarelas na rodovia, um único carro estava dirigindo longitudinalmente e o moinho de vento gigante na zona esportiva estava girando firmemente. Havia muitas nuvens flutuando no céu e quando elas se separaram, você às vezes podia ver a Via Láctea ou o Triângulo de Verão - Vega, Altair e Deneb. O vento uivava pelas nossas orelhas, misturado com o som dos insetos entre as árvores e a grama. O vento forte me ajudou a me acalmar novamente. Podia sentir o aroma forte da vegetação que enchia o ar.

Tohno-kun e eu sentamos lá lado a lado olhando para a paisagem. Meu batimento se tornou silencioso agora, mas eu estava encantada por estar tão perto que perceber a altura de seus ombros.

— Ei, Tohno-kun. Você vai fazer vestibular?

— Sim, vou fazer um para a Universidade de Tóquio.

— Tóquio, hein... pensei que fosse isso mesmo.

— Por quê?

— Apenas pensei que é o tipo de lugar que você gostaria de ir — respondi surpresa por ainda estar calma. Pensei que desmaiaria se ouisse a resposta diretamente dele. Depois de um breve momento de silêncio, ele disse com sua voz amável.

— ...Entendo. E você, Sumida?

— Oh eu? Bem, não sei realmente. Simplesmente não sei sobre o futuro — respondi francamente e pensei que ele ficaria surpreso.

— Todo mundo se sente da mesma maneira, provavelmente.

— De jeito nenhum! Você também se sente assim, Tohno-kun!?

— Claro.

— Você parecia o tipo de cara que não teria preocupações!

— Não — ele sorriu calmamente antes de continuar. — Estou preocupado há muito tempo. Só fiz o que pude. Realmente não tenho muita escolha.

Eu podia ouvir meu coração pulsando novamente. Estava tão feliz por estar sentada ao lado dele e eu era a única ouvindo seus pensamentos em voz alta.

— ...Entendo. Então é assim que você se sente.

Por um momento, olhei em seus olhos. Ele estava olhando para as luzes distantes. Parecia uma criança pequena e indefesa. Mesmo agora, podia sentir fortemente que estava apaixonada por ele.

Sim. Estava claro que o amava e que era a coisa mais importante para mim. Foi por isso que suas palavras me deram força. Senti que tinha que agradecer a alguém em algum lugar por sua existência.

Talvez seus pais, talvez Deus. Tirei o questionário de aconselhamento de carreiras da minha mochila e comecei a dobrá-lo. O vento havia parado antes que eu pudesse perceber e o som da relva e dos insetos também se calara.

— ...Você está fazendo um avião de papel?

— Sim!

Terminei de dobrar o avião e o joguei na direção da cidade. Quase me surpreendeu o quão longe ele foi, o vento de repente o levou muito mais alto no céu até que desapareceu na escuridão e não pôde mais ser visto. Através das lacunas entre as nuvens, a Via Láctea ficou claramente visível.

✻ ✻ ✻

O que você estava fazendo, tão tarde! Se apresse e tome um banho para não pegar um resfriado, minha irmã disse para mim antes que eu entrasse no banho com um pulo. Havia espaço suficiente para mover meus braços ao redor. Meus dois braços eram musculosos. Acho que eles eram um pouco largos em comparação com o braço de uma menina normal. Meio que queria que eles fossem macios como marshmallows, mas eu estava bem com a minha pele. Me senti aliviada com o meu corpo. Senti como se ainda pudesse ouvir as palavras que Tohno-kun me disse em sua voz calma enquanto conversávamos nas planícies e quando nos separamos. Quando penso em suas palavras, uma sensação reconfortante se espalha por todo o

meu corpo e você poderia adivinhar como me sentia pelo sorriso no meu rosto. De alguma forma acho que estava um pouco animada demais. Sussurrei "Tohno-kun" sem querer. Seu nome ecoou suavemente no banheiro antes de desaparecer no vapor. Que dia excitante, pensei alegre.

Depois dessa conversa nas planícies, encontramos um enorme reboque passando lentamente no nosso caminho para casa. Um pneu sozinho era tão alto quanto eu e o trator estava puxando um longo container branco tão grande quanto a piscina da escola com as palavras "NASDA, agência de desenvolvimento espacial" orgulhosamente impressas. Havia dois desses containers e entre eles havia vários carros e pessoas carregando luzes vermelhas liderando o caminho. Um foguete estava sendo transportado. Ouvi sobre como eles eram transportados antes, mas era a primeira vez que via isso acontecer com meus próprios olhos. Tinha certeza que o foguete foi transportado aqui para a ilha de navio para as docas e, em seguida, lentamente e com cuidado, eles vão movê-lo para o sul da noite para o dia.

— Ouvi que eles têm que dirigir a cinco quilômetros por hora — disse, algo que tinha ouvido uma vez e Tohno-kun respondeu "Sim" como se estivesse perplexo com a visão e por um tempo, ficamos lá assistindo o transporte. Foi uma visão muito rara e nunca pensei que seria capaz de vê-la junto com Tohno-kun.

Estava chovendo por um tempo, o que era comum durante esta estação, a chuva caiu forte como se alguém tivesse derrubado um balde de água sobre nós. Rapidamente fomos para casa em nossas scooters. Podia sentir Tohno-kun mais perto de mim do que antes, quando o farol de minha scooter brilhou sobre ele encharcado na chuva. Minha casa era mais próxima do que a dele, então nós sempre nos separamos nos portões.

— Sumida — ele disse enquanto levantava a viseira em seu capacete. A chuva estava ficando mais pesada e uma parte da luz dourada da minha casa iluminava seu corpo encharcado. Podia sentir meu coração batendo quando vi sua camisa molhada contra sua pele delineando sua figura bem tonificada. Queria saber se ele podia ver meu corpo da mesma maneira.

— Sinto muito que você teve que ficar encharcada assim hoje.

— Não se preocupe com isso, Tohno-kun! Não é sua culpa. No fim das contas fui eu que decidi parar.

— Mas estou feliz por podermos conversar assim. Bem, vejo você amanhã e tome cuidado para não pegar um resfriado. Boa noite.

— Vejo você amanhã e boa noite, Tohno-kun.

Boa noite Tohno-kun, sussurrei enquanto estava no banho.

Após o banho, tive ensopado, porgy frito e kanpachi sashimi no jantar que estava tão delicioso que pedi três tigelas de arroz para a minha mãe.

— Você realmente come muito não é? — ela disse enquanto entregava a tigela recheada de arroz para mim.

— Não acho que há outra garota do ensino médio que possa comer três tigelas de arroz assim — minha irmã disse surpresa.

— Isso é porque estou com fome... Oh, e nee-chan — disse enquanto colocava porgy em minha boca e mastigava. É gostoso.

— Itou-san disse algo a você hoje, não?

— Oh sim, ele disse.

— Desculpe.

— Não é nada para se desculpar. Apenas leve seu tempo e decida o que quer fazer.

— Kanae, você fez algo para perturbar o professor? — Mamãe disse enquanto enchia a xícara de chá da minha irmã.

— Não é nada sério. Seu professor é apenas um pouco mais sensível, isso é tudo — respondeu minha irmã séria e com calma. Mais uma vez, estava tão feliz por ter uma irmã tão legal.

Naquela noite, tive um sonho.

Sonhei com a época em que ganhei o Cub e não me refiro à minha scooter da Honda, me refiro ao meu cachorro Cub. O encontrei à beira-mar quando estava na sexta série. Tinha inveja da Cub minha irmã (sua scooter) e foi por isso que decidi chamá-lo assim.

Mas no sonho, eu não era uma criança. Tinha dezessete anos, exatamente como agora. Tinha o Cub ainda jovem em meus braços e estava caminhando ao longo da costa arenosa que tinha uma luz misteriosa. Quando olhei para o céu, não vi o sol. Vi o espaço cheio de estrelas. Elas estavam piscando em vermelho, verde, amarelo e todas as outras cores, todas mantidas juntos pelo fluxo gigante de uma galáxia atravessando o espaço. Me perguntava se já estive aqui antes. De repente notei alguém andando ao longe. Senti como se conhecesse aquela figura de algum lugar.

Antes que percebesse, tinha me tornado uma criança e estava pensando que um dia, essa pessoa seria alguém muito importante para mim.

No momento seguinte, de repente, me tornei uma adulta com a mesma idade da minha irmã e achei que ele tinha sido alguém muito importante para mim.

Quando acordei, esqueci o que sonhei.

3

— Onee, quando você conseguiu sua habilitação?

— Durante meu segundo ano na universidade, então acho que quando tinha dezenove anos. Sabe, quando eu estava em Shizuoka.

Sei que ela é minha irmã, mas de alguma forma, acho que ela parece muito sexy quando está dirigindo - seus dedos esbeltos segurando no volante, seus longos cabelos pretos cintilando no sol da manhã, a maneira que ela olha para o retrovisor e a forma como ela muda de marcha. Podia sentir o cheiro do seu perfume enquanto o vento soprava através da janela aberta. Nós duas usamos o mesmo xampu mas parece fazer parece que o cabelo dela é muito mais bonito que o meu. Puxei minha saia um pouco.

— Ei, nee-san — disse enquanto olhava para ela do lado do banco do motorista. Ela tem cílios tão longos!

— Faz quanto tempo desde a última vez que trouxe um homem para casa com você? Sabe, aquele Sr. Kibayashi, era esse o nome?

— Oh, você quer dizer Kobayashi-kun.

— O que aconteceu com ele? Vocês dois não estavam saindo?

— Por que você está perguntando isso de repente? — Ela respondeu um pouco surpresa. — Nós terminamos faz muito tempo.

— Você estava planejando se casar com o Kobayashi-san?

— Pensei em me casar com ele uma vez. Mas depois mudei de ideia — ela disse sorrindo com um olhar nostálgico.

— É mesmo...

Por que ela mudou de ideia? Eu queria perguntar a ela, mas falar outra coisa. — Você ficou triste?

— Fiquei. Nós estávamos juntos há muitos anos, afinal. Até vivemos juntos.

O sol da manhã brilhou diretamente no carro quando giramos à esquerda em um caminho estreito que leva ao mar. Não havia uma única nuvem no céu azul. Ela estreitou os olhos e puxou a viseira. Mesmo aquela pequena ação parecia sexy para mim.

— Mas você sabe, agora que olho para trás, não acho que nenhum de nós queria mesmo se casar. Com um relacionamento como esse, não íamos chegar a lugar algum. O que quero dizer é... nós não tínhamos um objetivo comum.

— Entendo — balancei a cabeça mesmo não entendendo o que ela falou.

— Todo mundo pode ter seu próprio objetivo, mas um casal deve ter algo em comum. Acho que estava desesperadamente tentando fazer com que nós dois tivéssemos o mesmo objetivo na época.

Ah...

Um objetivo... as palavras continuaram a se repetir dentro da minha mente. Olhei para o final da estrada e vi várias Wild Easter Lilies e Tagetes em plena floração. Elas eram uma mistura brilhante de branco e amarelo, assim como meu bodysuit. Pareciam tão bonitas. Até as flores podem parecer grandiosas.

— Então, por que você me perguntou isso de repente? — Minha irmã se virou para me perguntar.

— Hmmm... por nada — respondi.

Então perguntei o que mais queria saber. — Ei, onee. Você teve um namorado no colegial?

— Não, assim como você — ela sorriu como se achasse a pergunta engraçada. — Você é como eu quando estava no colégio, Kanae.

Fazia duas semanas desde aquele dia chuvoso quando voltei para casa com Tohno-kun e o tufão já passou pela a ilha. O vento que soprava as canas-de-açúcar agora estava mais frio, o céu estava um pouco mais alto, as nuvens pareciam mais suaves e os estudantes que andavam em suas scooters agora estiam casacos leves. Durante essas duas semanas, não fui capaz de voltar para casa com Tohno-kun como de costume, não fui capaz de deslizar nas ondas. Mesmo assim, sinto como estivesse curtindo surfar mais do que antes.

— Ei, onee — gritei para ela enquanto estava encerando minha prancha e ela estava lendo um livro no banco do motorista. A van estava estacionada pela área de estacionamento e eu estava mudando para o meu bodysuit. Eram seis e meia da manhã e ainda havia mais uma hora até a escola, para que eu pudesse ir até o mar.

— Hmmm?

— Sobre o que eu quero para o meu futuro...

— Sim?

A parte de trás da van estava aberta e eu estava sentada lá de costas para minha irmã. Nós podíamos ver uma forma cinzenta longa que se assemelhava a um navio de guerra situado distante no mar. Era um dos navios da NASDA.

— Ainda não sei o que quero fazer agora. Mas acho que estou ok — disse quando terminei de encerar e colocar o bloco de sabão ao lado da minha cintura e continuei.

— Eu vou fazer o que eu puder, uma coisa de cada vez. Estou indo!

Levantei minha prancha de surf e corri para o mar, me sentindo completamente revigorada quando me lembrei de como Tohno-kun me disse que ele estava fazendo o que podia. Essa era a única maneira que eu podia seguir e eu realmente acreditava que era melhor assim.

O céu e o mar eram da mesma cor azul e senti como se estivesse flutuando no espaço vazio. Enquanto remava e repetidamente mergulhava no mar, podia sentir a barreira entre o meu corpo e mente se encolher no mar. Eu remei, sem saber o quão longe eu estava da próxima onda e quando decidi que era impossível para mim desafiar, empurrava meu corpo e a prancha através da onda. Quando houve uma onda que parecia que eu poderia desafiar me virei e esperei por ela. Não demorou muito para que eu sentisse a onda me elevar. Estava animada sabendo que era o momento de me levantar. Quando a tábua começou a deslizar pela superfície da onda me levantei, mas ainda com as pernas curvadas, me equilibrando. Comecei a tentar completamente em pé. Olhei para cima e por um momento vi o mundo secreto deslumbrante dentro do mar.

Já sabia que no momento seguinte seria engolida pela onda.

Mas sabia que este grande mundo não estava lá para me negar. Apenas de longe parecia que eu estava sendo engolida pelo mar - mesmo do ponto de vista da minha irmã. Continuei tentando e batendo contra o mar. De novo e de novo. Em pouco tempo, esqueci que estava tentando.

E naquela manhã finalmente consegui deslizar nas ondas. Era tão repentino que era como um sonho - tão perfeito que era quase irreal.

Se você pudesse chamar dezessete anos de uma vida então, eu poderia dizer que este era realmente o momento pelo qual vivi.

* * *

Eu conheço essa melodia. Era uma das Serenatas de Mozart. Tínhamos tocado durante um concerto em nosso primeiro ano na escola secundária e eu estava tocando a gaita. Gostava de instrumentos onde você tinha que

usar sua própria respiração como se estivesse fazendo os sons sozinho. Naquela época, Tohno-kun ainda não fazia parte do meu mundo. Ainda não estava surfando, e agora que penso nisso, era um mundo tão simples em que vivia.

A melodia era chamada "A Little Night Music[8]", Eine kleine Nachtmusik em alemão. Gostaria de saber o que realmente significa. Sempre que ia para casa com Tohno-kun as noites pareciam curtas. Parece que eles tocaram essa melodia apenas para nós dois hoje. Estou me sentindo excitada. Tohno-kun. Nós tivemos que ir para casa juntos hoje. Talvez eu não devesse ir ao mar hoje e apenas esperaria por ele. De qualquer maneira só seria depois do sexto período, com os exames acontecendo, as atividades do clube não duravam muito tempo.

— ...nae...

Hmmm?

— Kanae. Está ouvindo?

Saki-chan estava tentando falar comigo. Eram doze e quinze, hora do almoço. Alguma música clássica estava sendo tocada e Saki-chan, Yukko e eu estávamos juntas sentadas comendo nossos obentos como de costume.

— Oh, desculpe. Disse alguma coisa?

— Nós realmente não nos importamos que você fique voando desse jeito, mas, você só colocar um pouco do almoço na boca congelou — disse Saki-chan.

— Você parecia terrivelmente feliz com alguma coisa — disse Yukko.

Rapidamente comecei a mastigar o ovo que tinha na boca. Munch, munch. Tão gostoso! Engole.

— Sinto muito! Então sobre o que vocês estavam falando?

— Estávamos dizendo como outro cara se declarou para Sasaki-san.

— Sério? Bem, ela é linda — disse colocando um rolo de bacon na minha boca. Minha mãe faz os melhores obentos.

---

[8] Uma pequena música noturna

— Mas não se preocupe com isso. Você parece muito mais feliz do que o normal hoje, Kanae — disse Saki-chan.

— Sim. É meio assustador na verdade. Se Tohno-kun a visse, ele se afastaria de você — disse Yukko.

Suas brincadeiras não me atingiram hoje. Eu apenas disse "Sério?" e deixei para lá.

— Ela realmente está estranha hoje, essa menina.

— É... Algo aconteceu entre você e Tohno-kun?

Sorri e respondi com um grande "Mmmhmmm". Estava realmente feliz com o que ia acontecer.

— De jeito nenhum! — as duas gritaram surpresas. Elas não estavam tão surpresas assim.

Não queria que nosso relacionamento ficasse no estágio de amor não correspondido. O dia em que eu consegui deslizar nas ondas era o mesmo dia em que eu poderia finalmente confessar meu amor por ele.

Sim. Se não pudesse dizer isso hoje quando finalmente consegui surfar, então tenho certeza que nunca seria capaz.

Eram quatro e quarenta da tarde. Eu estava me olhando no espelho no banheiro ao longo do corredor. Quando o sexto período terminou às três e meia, não fui ao mar e fiquei na biblioteca. Claro que não consegui estudar. Em vez disso, só segurei minha cabeça entre minhas mãos e olhei para o cenário lá fora pela janela. O ar dentro do banheiro me trouxe de volta aos sentidos. Olhei no espelho pensando que meu cabelo tinha crescido. O cabelo na parte de trás estava tocando um pouco meus ombros. Era muito mais longo antigamente, mas quando comecei a surfar decidi cortar. Talvez fosse porque descobri que minha irmã ia ensinar na escola em que eu estava. Ficava tão envergonhada ao ser comparada a minha linda irmã de cabelos compridos. Mas agora, de alguma forma, senti vontade de deixá-lo crescer.

No espelho vi meu rosto bronzeado, as bochechas ligeiramente vermelhas. Me pergunto como Tohno-kun me viu. Uma sensação familiar

de desapontamento me invadiu, mas eu olhei por cima das minhas feições uma por uma - o tamanho dos meus olhos, a forma das minhas sobrancelhas, o quão alto era a ponta do meu nariz, o brilho dos meus lábios. Então minha altura, a qualidade do meu cabelo, meu tamanho de busto. Até olhei para meus dentes e unhas e esperava que houvesse apenas uma parte de mim que Tohno-kun gostasse, pelo menos uma.

Eram cinco e meia da tarde. Eu estava de pé no local habitual atrás do prédio da escola, perto do estacionamento. A maior parte da luz do dia tinha mudado para o oeste e uma sombra longa foi projetada no chão, um limite claro entre sombra e luz. Eu estava perto dessa fronteira, mas dentro das sombras. Eu olhei para o céu que ainda estava brilhante e azul, mas sua cor tinha desbotado em comparação com o dia. Todas as cigarras nas árvores ficaram em silêncio e agora só os insetos na grama aos meus pés podiam ser ouvidos. Meu coração estava batendo alto, quase tão alto quanto os insetos. Eu sabia que o sangue estava bombeando rapidamente pelo meu corpo. Respirei profundamente para me acalmar um pouco, mas estava tão nervosa que esquecia de respirar de vez em quando. Quando finalmente percebi isso, soltei uma respiração profunda, mas sua naturalidade fez meu coração bater ainda mais. Tinha que dizer para ele hoje. Precisava dizer. Não sabia quantas vezes eu tinha espiado o estacionamento por trás da parede.

Quando Tohno-kun finalmente chamou “Kanae” eu fiquei mais em pânico do que feliz e senti um pouco de desconforto. Desesperadamente, segurei aquele pequeno grito.

— Você vai para casa agora? — Ele disse com sua voz calma habitual quando se aproximou de mim no estacionamento, embora tivesse notado que eu espiava ele da parede. Respondi “sim” enquanto seguia para o estacionamento sentindo que fui pega fazendo algo ruim. “Entendo” ele disse em sua voz gentil. — Então vamos para casa juntos.

Eram seis horas da tarde. O pôr-do-sol estava brilhando diretamente através das janelas no ocidente enquanto estávamos dentro da loja de conveniência. Estava mais escuro do que o comum e isso me fez sentir desconfortável porque parecia uma loja completamente diferente. Senti o calor dos raios de sol na minha bochecha esquerda e pensei que isto não era de forma alguma "A Little Night Music”. Ainda estava claro lá fora. Eu já tinha decidido o que ia comprar hoje. Ia pegar o mesmo Dairy Coffee do Tohno-kun. Peguei a caixa de papel sem hesitação e Tohno-kun virou para mim surpreso e disse, “Já escolheu algo Kanae?” respondi “sim” sem olhar

para ele. Tinha que dizer que gosto dele antes de chegarmos à minha casa. Meu coração parecia que bateria forte eternamente. Eu esperava que a música pop tocando na loja ajudasse a esconder o som do meu batimento cardíaco.

Fora da loja, o mundo também estava dividido em luz e sombra pelo sol poente. Estávamos na luz no momento em que saímos pelas portas automáticas. O pequeno estacionamento depois da esquina onde nossas motos estavam estacionadas estava nas sombras. Observava as costas de Tohno-kun enquanto ele caminhava para as sombras, sua mão segurando a caixa de papel de café. Suas costas largas cobertas em sua camisa branca. Apenas olhar para isso fez meu coração se apertar. Eu estava realmente muito nervosa. Estava a quarenta centímetros de distância dele, mas me aproximei de repente até que ficamos a apenas cinco centímetros de distância. Uma súbita onda de solidão me invadiu. Espere, pensei. Imediatamente estendi a mão para pegar o fundo de sua camisa. Ah não. Agora era o momento em que eu lhe diria que gostava dele.

Ele parou. Tomando o seu tempo, lentamente se virou para mim... "Este não é o lugar" pensei ter ouvido e dei para trás.

— ...Qual é o problema?

Em algum lugar dentro de mim, pude me sentir encolhendo, tremendo. Sua voz era calma, gentil mas fria. Fiquei ali, olhando para o rosto dele. Ele não estava sorrindo. Seus olhos pareciam silenciosos e estavam cheios de uma forte vontade.

No final, não foi porque não pude dizer a ele.

Foi porque ele me rejeitou com aquele olhar dizendo para não falar nada.

* * *

O som de cigarras ecoou pela ilha. Das florestas distantes, as pequenas vozes agudas dos pássaros podiam ser ouvidas prontas para dar boas-vindas à noite. O sol estava para se pôr e iluminou nosso caminho com vários tons de púrpura.

Tohno-kun e eu estávamos andando por um caminho cercado por campos de cana-de-açúcar e batata-doce. Não falamos uma palavra desde então. Apenas os passos de nossos sapatos duros podiam ser ouvidos. Eu estava a meio passo dele e estava desesperada para não me aproximar muito. Seus passos eram longos. Pensei que ele estava com raiva, então olhei para ele, mas, ele estava olhando para o céu com sua expressão habitual. Escondi meu rosto, olhando para as sombras que meus sapatos faziam enquanto caminhava no asfalto. De repente pensei por que nós deixamos nossas bicicletas na loja de conveniência. Eu não abandonei a minha moto, mas senti como se estivesse lamentando ter feito algo terrível.

Depois de desistir de dizer a Tohno-kun que gostava dele, minha Cub se recusou a ligar como se entendesse como eu me sentia. Não importa como dava o arranque, ela não ligava de jeito nenhum. Tohno-kun realmente é um cara legal. Quando ele viu o quão perturbada eu parecia, ele deu uma olhada nela. Era como se aquela expressão fria que vi em seu rosto fosse uma completa mentira. Isso me deixou tão confuso.

— A vela de ignição provavelmente se desgastou — ele disse depois de testar a próprio Cub. — Alguém te deu ela?

— Sim, pertencia à minha irmã.

— Ela já falhou quando você tentou acelerar?

— Acho que sim... — respondi. Teve algumas vezes em que era difícil ligar a Cub agora que pensei nisso.

— Apenas deixe ela aqui por hoje e peça para sua família pegar para você amanhã. Vamos apenas caminhar hoje.

— Ah não! Posso voltar sozinha! Você pode ir em frente, Tohno-kun, — disse rapidamente. Não queria incomodá-lo, mas ele era gentil.

— Minha casa não é tão longe daqui. Além disso, quero dar uma pequena caminhada de qualquer maneira.

Eu não sei por que, mas queria chorar. Olhei para as duas caixas de papel de Dairy Coffee no banco. Pensei para mim mesma que talvez a grande sensação de rejeição que senti há pouco era apenas minha imaginação.

Mas esse sentimento não poderia ter sido minha imaginação. Me pergunto por que andamos juntos em silêncio. Tohno-kun ainda soava como quando se ofereceu para andar comigo. Por que ele não estava dizendo nada? Por que ele era sempre bom comigo? Por que você apareceu na minha vida? Por que eu gosto tanto de você?

Porque, porque...?

Meus pés começaram a se sentir mais pesados enquanto andava ao longo do caminho brilhando ao sol poente... Por favor. Por favor, Tohno-kun. Eu simplesmente não aguentava mais. Simplesmente não podia. Lágrimas caíam dos meus olhos. Não importa quantas vezes eu as enxugava, elas continuaram vindo. Tinha que parar de chorar antes que ele percebesse. Tentei desesperadamente suprimir meus soluços, mas tinha certeza que ele ia notar. Então ele me falou com sua voz gentil. Entende?

— ...Sumida! Qual é o problema!?

Eu sinto muito. Eu sei que não é culpa sua. Vou tentar dizer algo.

— Desculpe... Não é nada. Realmente sinto muito...

Eu ainda estava escondendo meu rosto, ainda chorando. Não conseguia mais parar. Eu podia ouvir Tohno-kun dizendo meu nome com sua voz amável. Estava sempre tão cheio de emoção. Agora soava triste e isso me deixava triste também. O som das cigarras que encheram o ar soou mais alto do que antes. Meu coração estava chorando. Tohno-kun... Tohno-kun. Eu te imploro...

Por favor, não seja mais tão legal comigo...

Naquele instante, as cigarras ficaram em silêncio como se fosse uma onda se retirando no mar. Podia sentir o silêncio solitário da ilha ao meu redor.

Então, no instante seguinte, um barulhento ruído sacudiu o ar. Surpreendida, olhei para cima e sobre as colinas distantes vi uma bola de fogo subindo aos céus.

Um foguete foi lançado. A luz de seus propulsores era tão brilhante que cegou nossa vista quando começou a se levantar. O ar inteiro em torno da ilha tremeu enquanto a chama do foguete disparava para cima, iluminando as nuvens, mais brilhante do que o sol poente. Logo atrás havia uma torre de fumaça branca que parecia se erguer para sempre. O pôr-do-sol foi bloqueado pela fumaça, dividindo o mundo em luz e sombra. A luz e a torre se estendiam por toda parte. O som retumbante ecoou enquanto se esticava até o céu, balançando as partículas de ar como se o céu estivesse gritando enquanto era rasgado.

Acho que passamos cerca de meio minuto de pé assistindo até que o foguete desapareceu nas nuvens.

Nem Tohno-kun nem eu dissemos uma palavra enquanto estávamos ali, um ao lado do outro, olhando para o céu até que o vento limpou a torre de fumaça. Logo, o som dos pássaros, dos insetos e do vento lentamente pôde ser ouvido de novo e antes que o soubéssemos, o pôr-do-sol já havia se afundado no horizonte.

O azul no céu estava ficando mais escuro e, pouco a pouco, as estrelas podiam ser vistas piscando, o ar parecia mais frio na nossa pele. Foi então que vim a perceber algo. Mesmo que ambos estivéssemos olhando para o céu, estávamos olhando para coisas diferentes. Percebi que Tohno-kun nunca olhava para mim.

Tohno-kun era agradável. Ele era muito legal e sempre andava ao meu lado, mas ele estava sempre olhando para algo distante, muito distante. E eu não poderia conceder o que ele desejou. Como se eu tivesse poderes, tudo ficou claro para mim. Compreendi claramente que nunca poderíamos estar juntos no futuro.

* * *

Enquanto caminhávamos juntos para casa, uma lua cheia redonda pendia no céu noturno brilhando em uma cor pálida, as nuvens foram carregadas pelo vento. Nossas sombras eram lançadas no asfalto. Olhei para cima e vi um fio através da lua, cortando-a ao meio, que parecia como o dia foi para mim. O eu antes de conseguir surfar as ondas e o eu depois de

conseguir surfar nas ondas. O eu antes de saber o que Tohno-kun estava pensando e o eu depois. O mundo de ontem e de amanhã definitivamente não seriam o mesmo para mim. A partir de amanhã, viveria em um mundo diferente.

Enquanto eu estava deitada enrolada no futon[9] do meu quarto com as luzes apagadas, olhei para a lua cuja luz entrava em meu quarto como água. Minhas lágrimas começaram a voltar e lentamente começaram a cair. Gota a gota, minhas lágrimas fluíam e comecei a ouvir minha própria voz chorando. Minhas lágrimas cresciam em volume e meu nariz estava pingando, mas já não tentava segurar. Me deixei chorar.

Sei que sempre amarei Tohno-kun, não importa quanto tempo passe. Eu simplesmente não podia deixar de me apaixonar por ele. Tohno-kun, Tohno-kun... Eu te amo.

Com apenas ele nos meus pensamentos, chorei até dormir.

[9] Tipo de colchão usado na tradicional cama japonesa.

5 Centímetros por Segundo

1

Naquela noite, ela teve um sonho.

Um sonho de muito tempo atrás. Tanto ela quanto ele ainda eram apenas crianças. Era uma noite tranquila, quando a neve estava caindo em silêncio, cobrindo os campos, as luzes das casas espalhadas ao longe e seus passos frescos na neve recém caída.

Lá, uma única cerejeira gigante permanecia em pé. Estava mais escuro do que a noite, como se um buraco profundo tivesse se aberto de repente. Os dois estavam lá. Enquanto olhavam para os galhos, a neve caindo, ela pensou na vida que levaria no futuro.

Ela estava decidida e aceitou o fato de que o rapaz que ela amava, que a tinha apoiado todo esse tempo, logo desapareceria. Apenas algumas semanas atrás, ela recebeu uma carta dele dizendo que estava mudando de escola e estava pensando várias e várias vezes o que isso significava.

A solidão e a preocupação a abraçaram como se estivesse olhando para um buraco negro sem fundo, pensando que o menino que estava com ela perderia toda a sua bondade. Ela pensou que ela tinha enterrado esses sentimentos por ele há muito tempo, mas ela continuava a sonhar. Os sentimentos ainda estavam frescos como se tudo tivesse acontecido ontem. Se pelo menos a neve fosse realmente flores de cerejeira.

Se ao menos fosse primavera. Então o inverno teria passado. Eles estariam vivendo na mesma cidade, vendo as flores juntos novamente, enquanto seguiam o mesmo caminho para casa. Se pelo menos tivesse acontecido.

Uma noite, ele se sentou em seu quarto lendo um livro.

Mais cedo, ele estava deitado na cama, mas não conseguia dormir e então decidiu pegar algo da pilha de livros e começou a ler com uma cerveja na mão.

Era uma noite fria e tranquila. Ele ligou a TV em vez do rádio e deixou no volume baixo. Estava passando um filme. As cortinas estavam meio abertas e inúmeras luzes podiam ser vistas através da queda da neve. Começou a nevar pouco depois do horário do almoço, mas se transformava em chuva de vez em quando, depois voltava a ser neve. Foi só depois do pôr do sol que os flocos de neve cresceram e ele realmente começou a nevar.

Ele desligou a TV como se estivesse o distraindo. Tudo estava calmo. O último trem tinha desaparecido e nenhum carro ou trem podia ser ouvido. Ele podia sentir a neve através das paredes.

De repente, ele sentiu uma sensação nostálgica aquecê-lo como se para protegê-lo. Ele se perguntou por que se sentia assim e se lembrou do tempo em que ele estava olhando para uma árvore no inverno há muito tempo.

...Faz quantos anos? Aconteceu depois do primeiro ano na escola secundária, então deve fazer quinze anos agora.

Ele fechou o livro, ainda não sentindo vontade de dormir e terminou o resto da sua lata de cerveja.

Três semanas atrás ele tinha deixado a empresa que trabalhava há quase cinco anos e desde então parou de procurar emprego, sentado por aí sem fazer nada todos os dias. Ele se sentiu em paz durante aqueles poucos anos.

O que há de errado comigo? Ele pensou consigo mesmo quando saiu do aquecedor, seu coração batendo. Ele pegou seu casaco da parede (seu terno ainda estava pendurado ao lado dele), calçou os sapatos e pegou o guarda-chuva perto da porta. Ouviu o suave som da neve caindo em seu guarda-

chuva enquanto andava lentamente e logo chegou à loja de conveniência cinco minutos depois.

Momentos depois, colocou a cesta cheia de mantimentos e um pouco de leite no chão aos seus pés. Ele hesitou antes de tirar a Revista Ciência deste mês da prateleira e olhou para ela. Era uma revista que lia com grande paixão durante seus anos de escola secundária, faz muitos anos que ele não a lê. Havia artigos sobre o derretimento do gelo na Antártida, a forma como a gravidade era afetada entre galáxias, a descoberta de novas partículas e como a nanotecnologia pode ajudar o meio ambiente. Ele ficou um pouco surpreso que o mundo ainda estava cheio de novas descobertas e aventuras quando olhou os artigos.

De repente, sentiu um déjà vu e respirando rapidamente, notou a música tocando.

Havia a música nos autofalantes da loja - talvez uma música que tivesse ouvido durante seus anos escolares. Ouvindo a música nostálgica, ele pegou a revista científica com os novos fragmentos do mundo. Os sentimentos que ele pensava ter esquecido há muito tempo fluíam de seu coração e mesmo depois de pararem, ele ainda podia senti-los.

Ele saiu da loja, mas ainda estava quente por dentro. Faz tanto tempo desde a última vez que se lembrou como o coração sentia.

Em breve vai chegar a estação das flores de cerejeira, ele pensou olhando para a neve caindo do céu.

2

Depois de Takaki Tohno se formar na escola secundária em Tanegashima ele retornou para Tóquio para entrar na universidade. Alugou um apartamento pequeno que ficava a cerca de trinta minutos de caminhada da estação de Ikebukuro de modo que fosse mais fácil se locomover. Ele estava morando em Tóquio entre os oito e os treze anos, mas tudo o que ele podia se lembrar da cidade era a área de Setagaya em que ele costumava viver. O resto de Tóquio era estranho para ele. As pessoas pareciam isoladas, rudes e usavam uma linguagem vulgar em comparação com as pessoas da ilha onde morou durante sua adolescência. As pessoas

cuspiam, cigarros usados podiam ser encontrados nas calçadas e havia um monte de lixo amassado. Ele simplesmente não conseguia entender por que todos os tipos de embalagens, como garrafas de bebidas plásticas, sacos de revistas e lancheiras, são deixadas em todos os lugares. A Tóquio que ele lembrava era uma cidade mais bonita e refinada.

Tanto faz.

É aqui que vou viver agora. Ele já havia transferido de escola duas vezes e já tinha aprendido a se adaptar a novos lugares. Ele não era mais uma criança indefesa. Ainda se lembrava de como se sentiu desconfortável quando se mudou para Nagano, em Tóquio, devido ao trabalho de seu pai. Aquela paisagem familiar que ele uma vez viu enquanto segurava as mãos de seus pais, viajando de Oomiya para Shinjuku, parecia muito estranha agora. Parecia que não era o lugar que ele deveria estar vivendo. Mesmo agora, às vezes ele se sentia como se tivesse sido rejeitado pela cidade, como quando mudou de Tóquio para Tanegashima. Quando o helicóptero os deixou no pequeno aeroporto e ele olhou para as fazendas, campos gramados e postes de dentro carro do seu pai, sentiu saudades de Tóquio.

Era o mesmo, onde quer que ele fosse. “Mas desta vez, vim aqui por vontade própria”, ele pensou consigo mesmo enquanto olhava para a paisagem lá fora do seu pequeno apartamento cheio de caixas de papelão.

Não há muito a dizer sobre meus quatro anos na universidade. Estava ocupado com minhas aulas de física, o que significa que passei muito tempo estudando, mas, a menos que a frequência fosse absolutamente necessária, eu estaria trabalhando, passando tempo assistindo filmes sozinho ou apenas vagando pela cidade. Mesmo durante os dias em que tinha que frequentar universidade, às vezes parava pelo parque pequeno em frente à estação de Ikebukuro para ler. No início não estava muito acostumado com a quantidade de pessoas caminhando e passando, mas não demorou muito para me acostumar. Fiz vários amigos no trabalho e na universidade, mas como a maioria das pessoas, a nossa amizade se desgastou com o passar do tempo, embora alguns tenham se tornado amigos próximos. Dois ou três de nós queríamos nos reunir em nossas casas, em seguida, passávamos a noite falando sobre várias coisas, bebendo cerveja barata e fumando. Durante os quatro anos, meus diretores mudaram lentamente enquanto outros se fortaleceram.

No primeiro ano de universidade, Takaki conseguiu uma namorada no outono. Ele a conheceu através do trabalho. Tinham mais ou menos a mesma idade e ela morava em Yokohama.

Naquela época, ele tinha um emprego ajudando a universidade a vender lancheiras na hora do almoço. Ele queria encontrar um emprego fora da universidade, mas como estava muito ocupado com aulas, pensou que seria mais conveniente trabalhar durante as horas do almoço e ganhar dinheiro na loja da universidade. Quando o segundo período terminava às doze e dez, ele corria para a lanchonete e empurrava um carrinho cheio de obentos para vender. Apenas quinze minutos antes do terceiro período começar, ele se sentava junto com a garota em uma mesa na cafeteria e rapidamente terminar o almoço. Fez isso por três meses.

Para ele, ela foi a primeira garota com quem saiu. Ela lhe ensinou muitas coisas. Durante os dias que passaram juntos, ele aprendeu sobre sentimentos de felicidade e tristeza que nunca tinha experimentado antes. Ela também foi a primeira garota com quem dormiu. Foi com ela que aprendeu que os seres humanos vivem suas vidas cheias de sentimentos - sentimentos que podem e não podem ter controle. Provavelmente havia mais sentimentos do último tipo, como amor e ciúmes.

Eles continuaram a sair por cerca de seis meses e seu relacionamento terminou quando um cara que ele não conhecia tinha se declarado para ela.

“Eu te amo tanto, Tohno-kun, mas não acho que você me ame tanto. Percebi que isso é demais para mim” ela disse antes de chorar em seus braços. Ele queria dizer que não era verdade, mas decidiu que era melhor não, pois se culpava por deixá-la pensar dessa maneira. Ele desistiu dela. Foi a primeira vez que aprendeu o que era mágoa e foi como se o próprio corpo estivesse com dor.

Ele ainda podia se lembrar dela claramente, mesmo agora. Podia se lembrar da época quando ainda não namoravam e se sentavam lado a lado, terminando rapidamente o almoço depois do trabalho. Ele sempre comprava seu almoço enquanto ela sempre trazia o próprio obentou. Ela comia educadamente, ainda usando seu avental, terminando seu almoço até o último grão de arroz. Mesmo o obentou dela tivesse apenas metade do tamanho do obentou dele, ela sempre terminava por último. Ele a provocava por isso e ela ficava com raiva, “Você devia comer devagar, Takaki-kun. É um desperdício comer tão rápido”.

Demorou muito tempo antes que percebesse que não queria que o tempo gasto juntos na hora do almoço passasse tão rápido.

A próxima garota com quem ele saiu era outra pessoa que conheceu no trabalho. Durante o terceiro ano da universidade, ele estava trabalhando como assistente de um cursinho. Toda semana, durante quatro dias, ele corria para a estação de Ikebukuro depois da aula, pegava o trem para Takadanobaba na Linha Yamanote, em seguida, mudava para a Linha Tousai para chegar a Kamiraku Hills. Havia um professor de matemática e um de inglês no cursinho e, havia ao todo cinco assistentes, incluindo ele. O professor de matemática estava em seus trinta e poucos anos e era popular entre os jovens. Tinha família e uma esposa na cidade e, no trabalho, era muito rigoroso, mas havia algo em suas habilidades que o tornavam encantador. Ele sempre dava a seus alunos perguntas que os prepariam muito bem para os exames universitários, mas ao mesmo tempo, tinha uma maneira inteligente de fazê-lo, para que descobrissem como a matemática podia ser divertida. Trabalhar como seu assistente fez Takaki compreender profundamente as lições de estatísticas da universidade. Por alguma razão, aquele professor também parecia favorecer Takaki como seu assistente e, em vez passar tarefas inúteis fazer registro ou marcação de papéis, ele o fazia analisar que tipo de perguntas deveriam ser usadas para exames e preparar os esquemas de notas. Claro, Takaki sempre fazia isso com toda sua habilidade. Era um trabalho que valia a pena e o pagamento não era ruim.

A garota era uma das assistentes e era estudante de Waseda. Sua beleza a destacava de todas as outras garotas. Tinha o cabelo longo, os olhos surpreendentemente grandes e, ela não era alta, mas tinha bom gosto e estilo. Takaki pensou que ela parecia mais um belo animal do que uma garota. Talvez um cervo destemido ou um pássaro voando alto no céu.

Naturalmente, ela era muito popular. Os palestrantes e assistentes sempre tentariam encontrar uma chance de falar com ela, mas no início Takaki a evitava (ela era colírio para os olhos, mas era tão bonita que não parecia ser o tipo de garota com quem você poderia falar facilmente). Mantendo sua distância, notou que ela se parecia com um certo tipo de pessoa. Algo estranho, na verdade.

Sempre que alguém se aproximava ela sempre respondia com um belo sorriso, mas ela não tomava a iniciativa de falar com ninguém. Ninguém ao

seu redor notava a solidão sobre ela, em vez disso pensavam que ela era muito sociável.

Takaki achou estranho como muitos ao seu redor a louvavam: "Ela é uma mulher tão linda, mas é tão modesta e de coração aberto", mas ele nunca tentou dizer o que tinha notado nem queria saber por que os outros tinham uma noção tão errada sobre a personalidade dela. Se ela realmente não queria socializar com as pessoas, ela simplesmente devia parar. Há todos os tipos de pessoas neste mundo e todos têm seus próprios limites que os tornam diferentes. Mas ele não diria nada que o colocasse em apuros.

No entanto, um dia ele não teve escolha senão falar com ela. Era um dia muito frio em dezembro, pouco antes do Natal. Naquele dia, o professor de matemática foi para casa cedo por causa de algum negócio urgente e deixou Takaki sozinho junto com a garota para preparar as notas restantes. Cerca de uma hora depois ele percebeu que havia algo errado. Estava focado em seu trabalho quando olhou para ela. Ela estava sentada na frente dele, com a cabeça pendendo e tremendo ligeiramente. Seus olhos estavam abertos, fitando o papel em sua mão, mas estava claro que não era para isso que ela olhava. Sua testa estava coberta de suor. Preocupado, Takaki falou com ela, mas não ouviu resposta, se levantou e a sacudiu pelos ombros.

— Ei, Sakaguchi-san! O que está errado? Você está bem?

— Remédio...

— O que?

— Preciso do meu remédio. Preciso de algo para beber junto com ele — ela disse com uma voz estranhamente rasa. Takaki correu para fora da sala e comprou um chá na máquina de vendas ao longo do corredor e levou para ela. Com as mãos ainda trêmulas, ela tirou um pacote de comprimidos da bolsa em seus pés e disse: — Preciso de três deles. — Takaki tirou três comprimidos amarelos do pacote e os colocou em sua boca e ajudou com o chá. O toque de seus lábios brilhantes era surpreendentemente quente.

Eles namoraram por três meses. Foi um relacionamento curto, mas ela deixou uma ferida muito profunda que ele nunca vai esquecer. Talvez a mesma ferida também tenha ficado com ela. Foi a primeira vez que ele se apaixonou por alguém tão rápido, mas também a odiava muito. Durante

dois meses, ambos tentaram desesperadamente pensar em alguma maneira de se apaixonarem mais e, no mês seguinte, continuamente se feriam. Tiveram dias de felicidade inacreditável e êxtase, mas também houveram os dias cruéis em que não podiam contar a ninguém, lançando palavras duras um para o outro.

...Era estranho, mas no final, mesmo depois dessa experiência, ele ainda podia se lembrar daquele dia em dezembro antes de começarem a namorar.

Naquele dia de inverno, um pouco de vida retornou aos olhos dela depois de tomar o remédio. Foi um momento sagrado que lhe tirou o fôlego apenas por olhar para ela. Era como se estivesse observando a única flor que ninguém no mundo jamais havia visto florescendo diante dele. Um pensamento o dominou, não posso isso escapar de novo. Ele não se importou que ela já estava tendo um caso com o professor de matemática.

* * *

Takaki começou a procurar emprego no verão do seu quarto ano na universidade. Levou três meses para conseguir encarar alguém depois de terminar com sua namorada. Em parte, foi graças ao seu gentil e apaixonado conselheiro que decidiu que carreira seguir por volta do outono. Ele não sabia se era realmente o tipo de trabalho que queria ou se era o tipo de trabalho que deveria estar fazendo, mas sentiu que tinha necessidade de trabalhar. Ele queria tentar ver um mundo diferente em vez de ser pesquisador na universidade.

Depois da cerimônia de graduação, ele voltou para seu apartamento e empacotou tudo nas caixas de papelão. Fora da pequena janela na cozinha que dá para o leste, ele podia ver um edifício de madeira velho banhado no sol poente. Fora da janela sul, ele podia ver aglomerados de edifícios em Shinjuku entre os outros apartamentos e eles pareciam pequenos. Todos estes edifícios que estavam a mais de duzentos metros de altura pareciam muito diferentes, dependendo do tempo e do clima. Assim como o nascer do sol atinge os picos das montanhas, os edifícios altos sempre brilham conforme refletem sua luz e, assim como os penhascos íngremes que você

pode ver através do mar, os edifícios eram borrados pelo ar úmido quando chovia. Há quatro anos ele estava olhando para os prédios pensando em várias coisas.

Logo, a noite começou a cair lá fora e inúmeras luzes nas ruas lá embaixo na cidade começaram a acender. Takaki pegou um cinzeiro, o colocou sobre uma das caixas de papelão, tirou um cigarro do bolso e acendeu. Se sentou com as pernas cruzadas e fumou enquanto observava as luzes.

Vou continuar vivendo nesta cidade, pensou.

3

Takaki logo encontrou um emprego em uma empresa de desenvolvimento de software de médio porte em Mitaka. Você poderia chamar de "SE (Engenharia de Software)". Ele foi designado para o departamento responsável pelo desenvolvimento de soluções de software para dispositivos móveis e seus clientes eram majoritariamente empresas de comunicação ou fabricantes de terminais. Sua pequena equipe era responsável pelo desenvolvimento de softwares de telefonia móvel.

Logo descobriu que servia para ser programador. Era solitário, exigia muita paciência e concentração, mas nunca traía a quantidade de esforço que dedicava. Quando o código que você escreve não funcionava da maneira que você pretendia, podia ter certeza que foi você que programou errado. Ter todos os seus pensamentos acumulados em milhares de linhas de código lhe fez sentir uma de felicidade que nunca tinha experimentado antes. Era um trabalho demorado. Ele sempre voltava para casa tarde da noite e teria sorte se ele tivesse cinco dias de férias por mês, mas mesmo assim, ele nunca se cansava de estar na frente do computador. Era um escritório limpo e branco e atrás do seu cubículo, Takaki se encontrava teclando dia após dia.

Se era uma característica do seu campo de trabalho ou talvez apenas da empresa que ele estava trabalhando, Takaki sempre percebeu que seus colegas nunca falavam um com o outro fora do trabalho. Nenhuma das equipes saía para tomar uma bebida depois do trabalho, todos almoçavam na sua própria mesa comendo almoço pronto, nunca se cumprimentavam quando entravam ou saíam do trabalho e as reuniões eram mínimas - a

maioria acontecia por e-mails. Somente o som de teclados podia ser ouvido no escritório espaçoso e embora tivesse mais de cem empregados, a presença de seres humanos era pouca. A interação social era tão estranha quanto nos primeiros dias da universidade, mas naquele tempo, Takaki podia conversar sobre qualquer coisa e sair para beber, mesmo sem ter motivo. Agora ele está acostumado com o novo ambiente silencioso. Ele nunca foi uma pessoa falante para começar.

No final do dia, ele pegava o trem da estação Mitaka quase até a última parada na Linha Central, descia em Shinjuku e retornava ao seu apartamento em Nakanosakaue. Quando estava realmente cansado ele pegava um táxi, mas a corrida levava cerca de trinta minutos. Ele havia se mudado depois que se formou na universidade. O aluguel era mais barato em Mitaka, onde ficava sua empresa, mas não gostava de viver muito perto de seu local de trabalho. Ainda mais importante, queria muito estar em algum lugar que tivesse uma visão parecida com a que tinha em Ikebukuro, onde podia ver os edifícios de Shinjuku.

Talvez por isso tenha decidido se mudar para onde mora atualmente. Todos os dias, seu momento favorito era quando seu trem se aproximava de Ogikubo, quando podia olhar para os edifícios de Shinjuku enquanto a distância entre eles diminuía. Se sentava no comboio quase tão vazio quanto o último comboio em direção a Tóquio, envolto em seu terno e no estresse de um dia de trabalho - esse sentimento era confortavelmente satisfatório. Ele sempre olhava ao longe enquanto os prédios se erguiam na frente dos outros, no ritmo do trem, balançando de um lado para o outro. O céu noturno em Tóquio era estranhamente brilhante e as silhuetas negras e escuras dos edifícios se destacavam contra o céu. Belas luzes pequenas entregavam aqueles que ainda trabalhavam a essa hora. As luzes vermelhas piscando dos aviões de carga pareciam respirar. Mesmo agora ele tinha a sensação de que estava olhando para algo, se movendo para aquela coisa bonita, mas distante. Seu coração estremecia.

E então já era outra manhã e outro dia de trabalho. Takaki comprou um café na máquina de vendas da entrada, passou o cartão no ponto eletrônico, chegou no seu assento e ligou o computador. Enquanto bebia seu café esperando a máquina ligar, ele verificou a agenda do dia. Ele moveu o mouse, abriu uma série de programas necessários e, em seguida, posicionou seus dedos no teclado. Estava verificando os algoritmos que precisaria usar, avaliando e testando em algumas Interfaces de Programação de Aplicativos

(API), reunindo código para dar andamento ao seu trabalho. Por baixo da API de alto nível estava o sistema operacional (OS), mais abaixo funcionava o software de baixo nível e, finalmente, havia o hardware que estava deixando ele louco.

Ele era proficiente em programação já que sua paixão pelo hardware o fez respeitar computadores. Ele compreendia superficialmente a física quântica por trás da construção de semicondutores, mas, ele não podia deixar de se animar com sua rotina de trabalho quando tinha tanto controle sobre uma ferramenta tão inacreditavelmente complexa. Era quase mítico. Foi esta ferramenta que provou as leis da relatividade no universo, a física quântica em escala nanométrica e, sobretudo, a teoria das cordas que une tudo. Parecia que o computador tinha a possibilidade de desvendar os segredos do mundo. Segredos que o levariam de volta aos sonhos e sentimentos já esquecidos, aos lugares que ele amava, à sua música favorita que costumava ouvir depois da escola e aquela promessa que nunca conseguiu cumprir com aquela garota especial. Não havia nada de concreto que sugerisse que alguma coisa ia acontecer, mas ele se sentia assim. Ele começou a trabalhar perdido nesses pensamentos. Ele digitou no teclado como se fosse um músico solitário, conversando com seu instrumento.

E assim, aqueles anos que ele passou na empresa pareceram piscar de um piscar de olhos. Faz muito tempo que ele parou para pensar sobre o que conseguiu alcançar durante aqueles anos. Pensou nos dias de colégio quando ainda era jovem e propenso à doença. Seu orgulho cresceu quando se tornou mais musculoso e passou para a idade adulta. Teve o mesmo sentimento nostálgico quando as habilidades de programação melhoraram. Ele ganhou a confiança dos outros e também teve um aumento. Toda estação comprava um terno novo. Nos feriados, passava o tempo limpando seu apartamento ou lendo um livro e, talvez a cada meio ano ou mais, ele se encontrava com um amigo para uma bebida. O número de amigos que ele tinha não mudou.

Todo dia ele deixava sua casa às oito e meia da manhã e voltava depois de uma da madrugada.

O loop continuou. Os edifícios em Shinjuku eram sempre bonitos o suficiente para te fazerem suspirar não importa a hora e o clima. Eles brilhavam cada vez mais bonitos como se amadurecesse ao longo dos anos.

Às vezes sentia que a beleza provocava algo dentro dele. Não sabia o quê.

* * *

Faz muito tempo desde que alguém o chamou "Tohno-san" e foi naquela manhã de domingo, durante aquele dia chuvoso, em uma plataforma em Shinjuku Oeste. Era a voz de uma jovem que usava óculos, carregando um guarda-chuva bege. Por um momento, ele não conseguiu se lembrar de quem ela era, mas sentia que já se conheciam. Enquanto ficou ali sem saber o que dizer, ele finalmente se lembrou quando a mulher disse: "...eu trabalho na equipe de manutenção do sistema".

— Oh, você é... a garota do departamento do Yoshimura-san.

— Mizuno. Estou tão feliz que você se lembrou.

— Desculpa. É que você estava vestindo um terno quando nos conhecemos...

— Oh, deve ser por causa do chapéu que estou usando. Te reconheci imediatamente. Você parece um estudante quando está com roupas casuais.

Aluno? Ela não quis dizer isso de uma maneira ruim, ele pensou. Começaram a caminhar lado a lado em direção às escadas. Ela também parecia uma estudante de graduação usando suas sandálias marrons, suas unhas de feitas. Qual era seu nome mesmo? ...Ah, sim, Mizuno. Eles se conheceram quando teve que entregar alguns relatórios mensais para um de seus clientes e aconteceu que ela era a pessoa que trabalhava para eles. Desde então, nunca se encontraram novamente. Eles haviam trocado cartões de visita, seu jeito sério e voz clara tinham deixado uma impressão nele.

Sim, agora se lembrava. Seu nome completo era Risa Mizuno. Se lembrou de como a fonte em seu cartão de visita combinava perfeitamente com sua personalidade. Juntos desceram as escadas e viraram à direita.

— Você está indo para a saída leste também, Mizuno-san?

— Ummm, não realmente.

— Não?

— Ummm, estou livre agora para ser honesta. A chuva parou, então acho que vou fazer compras ou algo assim, porque o tempo parece que vai ser bom — ela disse sorrindo. Seu sorriso o fez sorrir de volta.

— Também estou livre. Bem, talvez possamos ir para um café juntos ou algo assim, se quiser?

Mizuno sorriu, parecendo um pouco surpresa, mas respondeu que sim.

E então, naquele dia, eles encontraram um pequeno café perto da saída leste para um café, conversaram por cerca de duas horas, trocaram números e se separaram.

Quando Tohno entrou em uma livraria e passou pelas prateleiras, de repente percebeu que sua garganta estava um pouco entorpecida e cansada. Faz tempo desde que conversou tanto tempo com alguém sem se preocupar com o mundo. Ele então percebeu como se davam bem, como se aquelas duas horas não fossem suficientes, mesmo que tivessem acabado de se encontrar. Talvez fosse porque tinha acabado de terminar um dos grandes projetos e tirou um peso de seus ombros. Fofocaram um pouco sobre suas empresas, o bairro e seus dias de escola. Não era nada especial, mas se sentia muito confortável em sua presença. Um sentimento quente que havia esquecido há muito tempo crescia dentro dele.

Uma semana depois, enviou um e-mail para ela e a convidou para jantar. Terminou o trabalho rapidamente, se encontrou com ela em Kichijouji, jantou e se despediram logo após as dez da noite. Na semana seguinte, a convidou para jantar e, na semana seguinte, era um feriado. Eles passaram o dia assistindo um filme juntos. Dessa maneira educada, a relação começou a desenvolver.

Mizuno era o tipo de mulher que você gostava cada vez mais a medida que a ia conhecendo. Seus óculos e longos cabelos negros a faziam parecer comum de relance, mas olhando de perto, seu rosto era muito refinado, o suficiente para surpreendê-lo. Ela usava roupas que mantinham sua pele escondida, não deixando nada visível, como se fosse muito tímida e não quisesse ser vista bonita. Era dois anos mais nova, sincera e honesta. Ela nunca falou em voz alta, sempre calma e lentamente. Sempre relaxava quando estavam juntos.

Seu apartamento ficava em Nishikokubuji e ir trabalhar significava passar pela Linha Central, então eles sempre se encontravam em algum ponto ao longo dessa linha. Ele podia sentir os sentimentos dela em relação a ele quando seus ombros se tocavam no trem, compartilhavam as refeições e caminhavam juntos. Era óbvio que se qualquer um deles se declarasse, nenhum dos dois rejeitaria o outro. Mas ele não sabia se deveria.

Takaki a observou enquanto caminhava na direção oposta na estação de Kikujouji. Ele sempre apressava as coisas quando começava a gostar de uma garota. Em pouco tempo ficava entediado e perdia essa mesma pessoa. Ele não queria que algo assim acontecesse novamente.

* * *

Naquele ano, em uma noite chuvosa, ele assistiu ao lançamento bem-sucedido do foguete H2A nas notícias em seu apartamento.

Era um dia horrivelmente úmido onde ele tinha que manter as janelas fechadas para que pudesse usar o ar condicionado e ainda assim, o som da chuva caindo e dos carros passando ao longo das ruas molhadas conseguiam se infiltrar. Na tela passava o familiar Centro Espacial de Tanegashima, o H2A subindo com uma chama enorme. Mudaram para uma imagem de longa distância do foguete subindo lentamente, abrindo seu caminho através das nuvens. Em seguida, mudaram para uma das câmeras anexadas aos propulsores do foguete. É possível ver a ilha de Tanegashima completamente. Poderia até mesmo distinguir as áreas da ilha.

De repente, um forte arrepio percorreu seu corpo.

Takaki não sabia como deveria se sentir olhando essas imagens. Tanegashima não era mais sua casa. Seus pais haviam mudado para Nagano e provavelmente passariam o resto da vida por lá. Tanegashima era apenas um dos lugares que morado.

Tomou um gole de sua cerveja que já estava quente, sentiu o licor amargo viajar até o seu estômago. A jovem jornalista continuou falando, sem emoção, afirmando que era um satélite de comuniação... De certa forma tinha algo a ver com ele. Parecia que tinha sido levado de volta a algum lugar distante.

Tinha dezessete anos quando viu pela primeira vez um lançamento de foguete. Uma menina de uniforme escolar estava ao seu lado. Eles estavam em turmas diferentes, mas se deram bem. Ou talvez, ela tenha tomado mais iniciativa do que ele. Seu nome era Kanae Sanada e gostava de surfar. Uma menina enérgica, bonita e bronzeada.

Já se passaram quase dez anos e o tempo tinha enterrado gentilmente esses sentimentos, mas mesmo agora, quando pensava nela, sentia seu coração doer. Sua figura, o cheiro de seu suor, sua voz, seu sorriso, seu rosto, cada parte de sua presença veio inundando, os sentimentos que ele teve durante seus dias em Tanegashima estavam frescos em sua mente novamente. Sentiu arrependimento, mas também sabia que era a única maneira que poderia ter agido com ela naquela época. Tudo estava tão claro. O modo como ela estava tão apaixonada por ele, as vezes que ela tentou confessar seu amor por ele. A hora em que a parou e depois que ela desistiu. Ele podia se lembrar de tudo como tivesse acontecido ontem, mas sabia que não havia nada que pudesse ter feito.

Quando chegou a hora de viajar para Tóquio para estudar na universidade, Sanada foi a única para quem contou sobre seu voo. Era um dia ensolarado em março e ventava muito. No estacionamento do aeroporto, que parecia quase tão pequeno quanto uma balsa, eles trocaram algumas palavras. Ela não conseguia parar de chorar enquanto falavam, mas logo antes de partir, ela conseguiu sorrir. Deve estar muito mais forte e madura do que naquela época.

Não me lembro se consegui sorrir de volta para ela. Não me lembro mais.

Eram vinte minutos depois da meia noite.

Teve que ir dormir para poder trabalhar amanhã. A notícia tinha terminado e os comerciais noturnos estavam passando.

Takaki desligou a TV, escovou os dentes, programou o ar condicionado para desligar após uma hora, desligou as luzes e foi para a cama. Ele notou que a luz de seu celular piscava, indicando que havia uma nova mensagem. Ele ligou e a luz branca do visor iluminou a sala. Mizuno o convidava para jantar. Ele se virou para o lado e fechou os olhos por um momento.

Todos os tipos de padrões apareceram atrás de suas pálpebras. Alguém lhe havia dito uma vez que a pressão exercida pelas pálpebras no globo ocular controlava a quantidade de luz que os nervos ópticos conseguiam ver para que os humanos nunca pudessem ver a verdadeira escuridão. Se perguntou quem teria dito isso a ele.

Agora que pensava nisso, se lembrou de que tinha o hábito de escrever e-mails no celular que nunca eram endereçados a ninguém. No início, escrevia para enviar a uma certa menina, embora não soubesse o seu endereço de e-mail. Tinham perdido contato antes de perceberem. Mesmo assim, ele continuou escrevendo essas mensagens, tentando transmitir a ela os sentimentos que estavam se acumulando dentro dele. Toda vez ele acabava apagando a mensagem. Talvez fosse uma preparação. Um experimento antes de encarar o mundo sozinho.

Em pouco tempo, essas mensagens não eram dirigidas a ninguém em particular e, quando se transformaram em monólogo, seu hábito de escrever mensagens desapareceu. Foi quando estava pronto para a viagem.

Não ia enviar outra carta para "ela".

Também sabia que não encontraria outra "ela". Pensar nisso fez a dor e a frustração retornarem para ele. Ficou surpreso com aqueles sentimentos que ainda carregava e percebeu que não tinha mudado nem um pouco. Ele ainda era o mesmo ignorante, arrogante e cruel daquele tempo. Seus olhos permaneceram fechados. Não... pelo menos agora ele sabia claramente quem era importante para ele aqui e agora.

Ele provavelmente estava apaixonado por Mizuno.

Da próxima vez que se encontrassem, se declararia para ela. Com essa decisão em mente, escreveu uma resposta para ela. Ele enfrentaria os sentimentos que tinha por ela. Assim como Sanada fez no último dia que eles se viram.

Naquele dia, no aeroporto da ilha.

O vento estava forte, afastando os uniformes, os fios, as folhas e os cabelos de Sanada. Ela estava chorando, mas conseguiu olhar para ele com um sorriso.

"Eu te amei, Tohno-kun. Obrigado por tudo".

Em seu terceiro ano, houve uma mudança dentro da equipe.

Um de seus grandes projetos tinha perdido o propósito, o cliente fechou e a companhia tinha decisão abandoná-lo. Takaki foi ordenado pelo líder a salvar qualquer código que pudesse ser reutilizado em seus projetos futuros para que pudessem manter o prejuízo no mínimo. Era como se o líder soubesse de suas habilidades e estivesse tentando colocá-lo sob pressão desnecessária.

No começo, Takaki fez como foi dito, trabalhou como de costume. Mas em pouco tempo, logo percebeu que isso só deixaria o código mais complexo e pioraria a situação. Ele não conseguiu fazer o líder entender e acabou com mais horas extras por um mês. Ele trabalhou como ordenado, mas ao mesmo tempo, tentou lidar com a situação de uma forma que pensou ser melhor. Estava claro para ele que a limpeza do projeto nunca terminaria se a equipe não fizesse o que ele estava tentando. Tentou convencer o líder da equipe novamente, mas não só foi repreendido, mas foi severamente avisado para ser tão egoísta novamente.

Realmente o incomodava ver como seus colegas seguiam cegamente as instruções. O projeto nunca terminaria. Ao obter os requisitos errados na fase inicial do projeto, estavam apenas para tornando tudo mais complexo, já que não chegavam à raiz do problema. Não só isso, já havia passado da hora de rever os requisitos que tinham sido passados. Se perguntou se realmente seriam capazes de terminar o projeto da maneira que a empresa queria.

Ele hesitou mas decidiu se aproximar do gerente sênior do departamento para discutir suas preocupações. O gerente pacientemente ouviu a sua história, mas no final, sugeriu que era melhor se trabalhasse junto com o líder para terminar o projeto. Ele estava pedindo o impossível.

Durante três meses, o trabalho continuou improdutivo. Ele entendeu o quanto o líder queria fazer o projeto andar, mas simplesmente não conseguia ficar calado e ver o projeto afundar. Ele continuou fazendo as coisas à sua maneira, apesar de ter sido repreendido pelo líder várias vezes.

O gerente sênior em nada ajudou. No entanto, o resto de seus colegas fizeram a situação ficar mais difícil com o passar dos dias. Ele começou a fumar e beber mais que o normal quando chegava em casa.

Um dia ele não aguentou mais. Se aproximou do gerente da equipe sênior, exigindo ser transferido para uma equipe diferente ou, pelo menos, falar com o líder da equipe. Se nenhum dos dois fosse feito, ele desistiria.

No final, um novo líder de equipe foi nomeado. O novo líder mantinhas vários projetos e tinha uma atitude fria com seus subordinados, mas, pelo menos, tomava decisões racionais.

Em todo caso, eles poderiam finalmente andar na direção certa. A carga de trabalho se tornou mais pesada, o local de trabalho mais solitário, mas ele trabalhou duro. Era tudo que podia fazer. Fez tudo o que podia ter feito.

Sob essas circunstâncias, começou a passar mais tempo com Risa Mizuno e valorizou esses momentos cada vez mais.

Toda semana ou quinzena ele ia para a estação Nishikokubuji que ficava no caminho de casa. Eles se encontravam às nove e meia e às vezes comprava um buquê de flores. A loja de flores perto de seu local de trabalho só estava aberta até as oito horas, de modo que ele saía escondido às sete, pegava as flores e as colocava em um dos armários antes de voltar ao trabalho até oito e meia. Era divertido se esgueirar daquele jeito. Então, depois do trabalho, ele seguia até a lotada Linha Central e pegava o trem para onde Mizuno estava esperando, com cuidado para não esmagar as flores.

Nas noites de sábado, dormiam juntos em uma das casas. Ficava mais na casa da Mizuno do que em sua casa. Ambos tinham duas escovas de dentes em suas casas. Parte da sua roupa de baixo era deixada na casa da Mizuno, enquanto em sua casa haviam alguns utensílios de cozinha e temperos. O agradava perceber que havia um monte das revistas dela acumulando em sua casa que ele normalmente não leria.

Mizuno era quem sempre cozinhava. Enquanto Takaki continuava trabalhando em seu laptop esperando o jantar, o barulho do ventilador, da faca de cozinha e o cheiro de macarrão ou do peixe cozido preenchiam o quarto. Ele podia trabalhar pacificamente. O som do teclado e o jantar sendo preparado suavemente preenchia o apartamento e, no que lhe dizia respeito, era o lugar onde ele mais repousava.

Estar com Mizuno criou um monte de novas memórias. Um exemplo é o belo jantar que ela gostava de preparar. Ela podia limpava os ossos, deixando a carne inteira como um especialista e comia massas usando garfo e colher de uma forma tão refinada. Havia também as suas unhas, da cor de flor de cerejeira, que acariciava sua mão em torno da caneca de café, a umidade de suas bochechas, as pontas dos seus dedos frios, o perfume dos seus cabelos, a doçura da sua pele, suas mãos suadas, a fumaça que saia dos seus lábios, sua longa respiração.

Quando desligavam as luzes em seu apartamento perto da estrada de ferro e se aconchegavam juntos na cama, muitas vezes olhava para o céu ao longe pela janela. Você podia ver claramente a noite estrelada quando era inverno. Provavelmente era frio lá fora, mas dentro não era frio o suficiente para ver sua própria respiração. A cabeça de Mizuno descansava sobre seu ombro nu e se sentia confortavelmente quente. Ouvir o ruído do trem ao longo da estrada de ferro soava como se falasse uma misteriosa língua estrangeira. Sentia como se estivesse em outro lugar. Talvez, pensou, fosse o lugar que ele desejava.

Estar com Mizuno o fez perceber quão cansado estava e quão solitário ele tinha sido.

✻ ✻ ✻

Quando ele se separou de Mizuno, sentiu uma sensação muito perturbadora de escuridão o dominando.

Durante três anos, ambos colocaram todos os seus sentimentos e fizeram tudo que puderam para construir o relacionamento. No entanto, seus caminhos se dividiram ao longo do caminho. Ele sentiu uma sensação muito, muito pesada de cansaço dominá-lo quando pensou sobre como teria que continuar a viagem sozinho mais uma vez.

Nada aconteceu entre eles. Não foi um evento que os dividiu. Mesmo assim, os sentimentos eventualmente desaparecem.

Tarde da noite, ele ouviu atentamente os carros fora de seu apartamento e pensou desesperadamente. Tentou reunir todos os seus pensamentos, reunir todos os fragmentos e aprender com seus erros.

Mas não importa. No final, não importa com quem tentasse ficar, nunca ficariam juntos para sempre. É assim que as pessoas se acostumam à perda.

Foi assim, de alguma forma, que cheguei até aqui.

* * *

Talvez tenha deixado seu emprego na mesma época em que se separou.

No entanto, caso tenha se perguntado se os dois eventos estavam relacionados, ele mesmo não tinha certeza. Talvez não. Muitas vezes ele desabafava seu estresse em Mizuno, mas houve ocasiões em que também não o fez isso. Era tudo superficial, de qualquer forma. Havia um sentimento incompleto que simplesmente não conseguiam pôr em palavras. Uma leve camada de que jazia escondida dentro dele. Mas o que era?

Ele não sabia.

Se sentiu sonolento enquanto pensava nos dois anos que se passaram antes de deixar seu emprego, ficou um pouco fraco.

Em pouco tempo passou a conhecer a mudança familiar das estações e os eventos de hoje pareciam os de ontem e ele se viu nas coisas que faria amanhã. Takaki estava tão ocupado com trabalho como sempre, mas estava se tornando um conjunto de tarefas rotineiras. Ele poderia apresentar automaticamente planos aproximados e as escalas de tempo necessárias para terminar projetos, como uma máquina. Era como se ele estivesse sentado dentro de um trem, seguindo em velocidade constante obedecendo apenas os sinais de trânsito. Ele não precisava se preocupar em controlar a velocidade, não precisava pensar quando estava no trabalho. Ele não precisava falar com ninguém.

Logo, a programação, os computadores e a tecnologia deixaram de ter o mesmo fascínio que o encantava há muito tempo. Talvez fosse natural. Até

mesmo o céu estrelado da noite que tinha uma vez contemplado se tornou uma coisa comum.

Por outro lado, sua reputação na empresa cresceu gradualmente. Durante as avaliações, ele obteve aumentos salariais e mais bônus do que qualquer outra pessoa. Não tinha um estilo de vida financeiramente alto porque nunca teve tempo de gastar o dinheiro que ganhou. Antes que ele soubesse, ele tinha economizado tanto dinheiro que ficou surpreso quando finalmente olhou para suas economias.

Se sentou em seu assento bebendo o café quente no escritório, onde só se ouvia o toque dos teclados, esperando que seu código fosse compilado. É tão estranho, pensou. Não havia nada que quisesse gastar dinheiro, então continua poupando.

Às vezes ele brincava com Mizuno sobre tais pensamentos e ela apenas ria, mas ficava com um olhar triste. Vê-la daquele jeito mexia com ele. De repente se sentia muito triste também.

Era início do outono. O vento frio que soprava através da porta e se arrastava pelo chão era muito confortável. Takaki usava uma camisa azul intensa sem gravata e Mizuno usava uma saia comprida que tinha bolsos e um tinha suéter marrom. Ele se sentia um pouco triste quando olhava para o seio de Mizuno contra o suéter.

Faz muito tempo desde que passou no apartamento dela depois do trabalho. No passado, o ar condicionado estaria ligado quando ele chegasse ...Sim, já faz uns dois meses. Não era como se ambos estivessem ocupados demais para se verem. Um tempo atrás teriam se encontrado muito mais frequentemente. Eles simplesmente pararam de se esforçar.

— Ei, Takaki-kun. O que você queria ser quando era pequeno? — Mizuno perguntou depois de ouvi-lo resmungar sobre o trabalho. Ele pensou um pouco.

— Acho que não queria ser nada.

— Nada mesmo?

— Sim. Já me esforçava apenas para passar os dias. — Mizuno sorriu e disse que era o mesmo com ela, pegando uma fatia de pera do prato e a colocou em sua boca. Fez um som triturador.

— Você também?

— Sim. Nunca soube como responder sempre que alguém me fazia essa pergunta na escola. Então foi um alívio quando encontrei meu emprego atual. Isso significava que não tinha mais que pensar no futuro.

Ele concordou e estendeu a mão para as fatias de pera que Mizuno tinha cortado.

O que ele queria se tornar.

Sempre esteve desesperado para encontrar um lugar ao qual pertencesse. Mesmo agora sentia que ainda não tinha encontrado aquele lugar. Sentia que não estava perseguindo nada. Não se sentia como se estivesse procurando o "verdadeiro eu". Parecia que estava a meio caminho de alguma coisa. Mas onde ele estava?

O celular de Mizuno tocou. Ela se desculpou, pegou seu telefone no corredor e respondeu.

Ele a viu sair pelo canto do olho, acendendo um cigarro na boca. Mizuno falou em seu telefone com uma voz baixa e feliz. De repente, ele estava tão sobrecarregado com ciúme que quase se surpreendeu. Ele imaginou o homem do outro lado do telefone. Aquele outro estranho que nunca conhecera, deslizando a mão sob o suéter de Mizuno, passando os dedos sobre sua pele branca e lisa. Sentia-se extremamente rancoroso.

Ela falou ao telefone por cerca de cinco minutos e voltou dizendo: "Era um dos novatos do trabalho". Ele se odiava por um pensamento tão irracional. Mizuno não tinha feito nada de errado. Claro que não. Ele acenou com a cabeça e apagou o cigarro no cinzeiro como se estivesse tentando suprimir seus sentimentos. O que diabos ele havia sentido?

Na manhã seguinte, sentou-se à mesa de jantar. Fazia tanto tempo que não tomavam café da manhã juntos.

Ele olhou pela janela e viu um céu envolto em cinza. Era uma manhã fria e gelada. Esse café da manhã no domingo era um momento muito

importante para eles. Não era com frequência que tinham tempo livre e quando o tinham, não importava o que fizessem, contanto que aproveitassem bem - exatamente como nos anos que ainda estão por vir. O café da manhã de Mizuno era sempre muito bom e o deixava muito feliz. Ou assim costumava ser.

Enquanto observava Mizuno cortar seu ovo mexido e a torrada francesa ao meio e comê-lo, de repente sentiu que esta refeição era a última que eles teriam juntos. Não sabia por que, mas se sentia assim. Não queria que fosse a última. Na verdade, queria tomar café da manhã com ela novamente na próxima semana.

Mas isso nunca aconteceu. Realmente foi o último café da manhã.

* * *

Ele avisou a companhia quando faltava mais três meses para concluir o projeto atual.

Percebeu que queria renunciar há muito tempo. Falou sobre isso com o líder da equipe. Queria terminar o projeto atual e depois passar o mês seguinte realizando quaisquer tarefas e procedimentos que fossem necessários para que pudesse sair no próximo fevereiro. O líder da equipe foi quase inexpressivo ao mandar falar com o gerente de departamento.

O gerente do departamento tentou convencê-lo a ficar. Ele estava disposto a ajudar Takaki a resolver qualquer queixa que pudesse ter. Ele não iria apenas observar um empregado de longa data deixar a empresa assim. Disse a Takaki para ser paciente. O projeto atual poderia ser extremamente difícil, mas uma vez que fosse concluído, ele seria muito elogiado e o trabalho se tornaria muito mais agradável.

Talvez. Talvez seria, mas esta é a minha vida, pensou Takaki, mantendo isso para si mesmo. Ele respondeu polidamente que não tinha ressentimentos. Seu trabalho não era nem um pouco difícil. Só queria renunciar. O gerente do departamento se recusou a aceitar sua renúncia. Por que? Takaki nem sequer conseguia convencer a si mesmo do motivo.

Ainda assim, com uma pequena negociação, ficou decidido que poderia partir no final de janeiro.

O fim do outono se aproximava com o passar do tempo e o ar se tornava mais frio a cada dia, Takaki trabalhou diligentemente em sua última tarefa. Com o prazo do projeto definido, ele estava mais ocupado do que nunca, quase sem dias de folga. Dormiu como um cão durante o pouco tempo que tinha em seu apartamento. A falta de sono o fazia se sentir pesado, quente como se estivesse com febre e tinha com náuseas horríveis quando trocava de trem. Mas esses dias o impediram de pensar demais dando uma sensação de paz.

Ele estava preparado para se sentir deslocado após entregar em seu aviso de demissão, mas, foi o oposto do esperado. O líder da equipe expressou a gratidão por toda sua assistência desajeitadamente e o gerente do departamento estava preocupado se ele tinha encontrado um novo emprego. O líder de recursos humanos disse que ficaria feliz de ser uma referência de recomendação se ele precisasse. Takaki tinha pensado em pegar leve até o dia em que ele saísse, mas ele decidiu continuar no mesmo ritmo como uma cortesia.

Após o tufão que o vento frio de Kansai trouxe tinha passado, Takaki decidiu mudar seu terno para uma jaqueta de inverno. A jaqueta que tirou da gaveta cheirava a naftalina. Ele pegou um lenço que Mizuno lhe dera há muito tempo e se enrolou para se proteger do inverno frio. Não havia ninguém para lhe desejar "tenha um bom dia", mas não pensou sobre isso.

Toda semana trocava e-mails com Mizuno uma ou duas vezes. Suas respostas pareciam que levaram muito tempo para chegar, o suficiente para fazê-lo pensar que ela deve estar muito ocupada também. Ambos estavam ocupados provavelmente. Percebeu que já fazia três meses desde que tomaram café da manhã juntos e nunca mais se viram.

Um dia, enquanto estava sentado no último trem na Linha Central, soltou um profundo suspiro. Um longo e profundo suspiro.

O trem noturno em direção a Tóquio estava vazio, com cheiro de álcool e cansaço, como de costume. Enquanto olhava para as luzes dos prédios de Nakano, ouvindo o som do trem se agitando, ele de repente sentiu como se alguém o estivesse olhando lá de cima. As tênues linhas de luz que fluíam dos edifícios batendo no chão criavam um cenário que lembrava lápides.

Um vento forte estava soprando e as luzes na cidade distante pareciam estrelas piscando. Ele estava mergulhado naquela fina luz, ciente de que estava caminhando lentamente na superfície de um planeta gigante.

O trem parou na estação de Shinjuku e, quando desceu, não pôde evitar olhar para trás, onde estava sentado. Uma imagem do cansaço dele sentado ali com seu terno ficou em sua cabeça.

Mesmo agora, ainda não estava acostumado a Tóquio. Ele ainda não estava acostumado com os bancos na estação, as fileiras de máquinas de tickets e os metrôs onde as pessoas ficavam em filas.

* * *

Em um dia em dezembro, o projeto de dois anos que ele estava trabalhando finalmente chegou ao fim. Olhando para trás, ficou surpreso por não sentir nada. Ele se sentiu um pouco mais cansado após o dia de trabalho do que o habitual. Fez uma rápida pausa com uma xícara de café e começou a fazer os preparativos para deixar a empresa. No final, foi o último trem que o levou para casa novamente.

Desceu na estação Shinjuku, seguiu passando pelas cabines de bilhete e chegou ao ponto de táxi onde uma longa fila de pessoas esperava. Ah sim, é sexta à noite, pensou para si mesmo. Além do mais, era Natal. Dentro do grande complexo da estação de trem ele podia ouvir a melodia fraca de Jingle Bells ecoando através do barulho das multidões. Decidiu esquecer o táxi e caminhar para casa, passando pelo metrô em direção à Shinjuku Oeste e chegou na rua onde os grandes edifícios o cumprimentavam.

Tarde da noite era sempre tranquilo por aqui. Caminhou ao lado dos prédios. Era a rota que ele tomava sempre que caminhava para casa de Shinjuku. De repente, seu celular estava vibrando dentro de seu bolso. Parou, respirou fundo e pegou o telefone.

Era Mizuno.

Ele não podia responder. Por alguma razão, simplesmente não queria. Sentia dor e não sabia por quê. Ficou lá, olhando o nome de "Risa Mizuno" na tela LCD do telefone. Continuou a vibrar, mas de repente parou. Ficou ali como se acabasse de morrer.

Takaki de repente sentiu uma onda de calor pelo seu peito e olhou para o céu noturno.

Os edifícios negros se elevavam sobre a sua cabeça, bloqueando metade da vista. As paredes iluminadas por algumas janelas, mais longe estavam piscando luzes de trânsito, mais além era o céu sem estrelas.

De repente, pequenos flocos brancos começaram a cair.

Estava nevando.

Apenas uma frase, pensou.

Só quero ouvir essa única frase. Há apenas uma frase que quero ouvir. Por que ninguém pode dizer isso para mim? Ele sabia que estava sendo egoísta, mas simplesmente não poderia viver sem o desejo de ouvir essa frase. Finalmente percebeu que o que ele desejou durante todo esse tempo, como se a neve caindo tivesse aberto uma porta selada profundamente em seu coração.

Queria ouvir as mesmas palavras que aquela garota disse naquele dia.

"Tenho certeza que você vai ficar bem, Takaki-kun".

5

Akari Shinohara estava arrumando as coisas para mudar de casa quando encontrou uma carta muito antiga.

A carta estava no fundo de uma caixa de papelão. A caixa foi selada com as palavras "coisas velhas" escritas nela (naturalmente, foi ela que etiquetou) que por curiosidade a abriu outra vez. Ela continha várias coisas que coletou durante seus dias na escola primária e secundária. Escritos coletados durante a formatura, objetos que coletou durante excursões escolares, várias revistas

para crianças de escola primária, várias fitas que não conseguia lembrar o que tinha gravado, uma mochila desbotada e sapatos. Um a um, tirou-os da caixa, olhando os itens com nostalgia e talvez, talvez também se deparasse com aquela carta. Pouco tempo depois, logo encontrou uma lata vazia no fundo da caixa de papelão. Sim. Tinha guardado a carta que escreveu na noite de sua formatura na escola primária. A carta que nunca tirava de sua mochila e carregava com ela o tempo todo onde quer que fosse e, em seguida, usando a formatura como desculpa, decidiu esquecê-la.

Levantou a tampa e encontrou a carta em um minúsculo bloco de notas. Era a primeira carta de amor que tinha escrito para o menino que foi seu primeiro namorado.

Faz quase quinze anos, quando escreveu a carta tinha a intenção de entregar ao menino que amava. Ela pensou e se lembrou que era uma noite tranquila e nevada. Tinha acabado de completar treze anos e ele veio de longe para me ver, embora ele fosse uma viagem de três horas de distância, estava atrasado por causa da neve. Quase quatro horas de atraso. Esperei por ele em um pequeno galpão de madeira, sentada em frente a um fogão quente e escrevi esta carta.

Segurando a carta, reviveu os sentimentos solitários e a preocupação que teve naquele dia. Ela não podia acreditar que aqueles sentimentos eram de quinze anos atrás. Se lembrou o quanto ele era querido e o quanto ela queria vê-lo. Os sentimentos estavam tão frescos que quase a fazia se sentir desconfortável.

Devo tê-lo amado muito, pensou. Tivemos nosso primeiro beijo no nosso primeiro encontro. Parecia que o mundo tinha mudado completamente depois do beijo. Foi por isso que não pôde dar a ele a carta. As lembranças voltaram para Akari como se tudo tivesse acontecido ontem. O único sinal de que quinze anos se passaram era o anel que usava em seu dedo.

* * *

No dia seguinte, nevava em Iwafune enquanto Akari chegava à estação. As nuvens eram finas e às vezes você podia ver o céu azul que lhe dava a sensação que logo pararia de nevar. Fazia tempo desde a última vez que nevou em dezembro. A nevasca daquele foi algo raro.

— Gostaria que ficasse conosco até o Ano Novo — disse a mãe de Akari. Akari respondeu que tinha muita coisa para preparar.

— Sim, você está certa. Certifique-se de fazer uma boa refeição para ele — seu pai disse. Akari assentiu e olhou para os pais. Eles ficaram muito velhos, pensou. Mas é claro. Estavam quase na idade de se aposentar. E agora, estou na idade em que vou me casar.

Era estranho para os três aguardarem o trem para Koyama. Talvez fosse a primeira vez que esperavam um trem juntos desde o dia que se mudaram para este lugar.

Akari ainda podia se lembrar de como se sentiu no dia em que ela e sua mãe pegaram o trem de Tóquio para Iwafune. Seu pai as esperava na plataforma. Ela esteve em Iwafune várias vezes pois era o lugar de nascimento de seu pai. Era um lugar muito parado, mas ao mesmo tempo um lugar tranquilo. Dito isso, viver lá era uma história completamente diferente. Ela nasceu em Uchinomiya, se mudou para Shizuoka não muito tempo depois e passou um tempo entre o elementar quatro e seis em Tóquio. A plataforma de Iwafune parecia tão pequena em comparação. Simplesmente não parecia ser um lugar que gostaria de viver. Sua saudade de Tóquio quase a fez chorar.

— Não se esqueça de nos ligar se acontecer alguma coisa — disse a mãe. Ela repetia isso desde ontem à noite. De repente, a pequena cidade parecia muito querida por Akari enquanto ela estava lá com seus pais. Mas por enquanto, queria se separar do lugar. Ela sorriu gentilmente para eles.

— Eu vou ficar bem. Vamos nos ver novamente na cerimônia de casamento do próximo mês, então não se preocupem. Melhor voltar para casa. Está frio aqui fora. O som do assobio do trem podia ser ouvido ao longe quando terminou.

O trem da tarde estava vazio e ela era a única passageira dentro dos vagões. Não conseguia se concentrar em ler o romance que trazia, então olhou pela janela com a cabeça apoiada na mão.

Lá fora se espalhavam os campos na planície. Ela imaginou a neve caindo e se acumulando sobre eles. Imaginou que era tarde da noite, tão tarde que quase podia ver as luzes à distância. As janelas provavelmente estariam embaçadas com a condensação.

Deve ter sido um cenário tão solitário, ela pensou. Se perguntou o que "aquela" pessoa estava olhando quando o trem parou no meio da neve, o estômago vazio, cheio da culpa por fazer alguém esperar.

...Talvez.

Talvez ele desejasse ter voltado para casa. Era um garoto legal. Mas não me importei. Eu queria esperar por ele, não importava quanto tempo levasse para me alcançar. Nunca duvidei dele. Se pelo menos sua voz pudesse ter chegado a ele naquele dia.

Se sua voz o tivesse alcançado, ela teria dito: "Não se preocupe. Quem te ama está esperando por você".

"Aquela garota sabe que você virá vê-la. Pode relaxar. Pense na alegria que terá quando se verem novamente. Pode ser a última vez que se encontrarão, mas por favor, guarde o momento no fundo do seu coração".

Ela sorriu, surpresa por ela estar pensando tanto. O que há de errado comigo? Não parei de pensar nele desde ontem.

Provavelmente é por causa da carta que encontrei ontem. Ela se sentia um pouco infiel pensando em outro homem no dia em que iria morar com seu noivo. Mas tinha certeza de que seu marido não se importaria. Seu marido estava se transferindo de Takasaki para Tóquio e ele decidiu que era o momento certo para propor o casamento. Ele resmunga muito, mas eu o amo. E talvez eu o ame "também". As memórias que criamos juntos são uma parte preciosa de mim agora. Assim como o alimento que consumimos, tudo era parte de minha carne e sangue que não pode se separar do coração.

Enquanto Akari olhava para o cenário que passava do lado de fora da janela, ela rezou para que Takaki-kun estivesse bem.

6

Enquanto você vive, a tristeza se acumula aqui e ali.

Isso era o que Takaki Tohno pensava enquanto acendia as luzes de seu apartamento. Assim como a poeira se acumulava, seu apartamento estava cheio de tristeza.

Só restava uma escova de dentes. Ele já não precisava limpar os lençóis para outra pessoa. Nem havia um longo histórico de chamadas e mensagens em seu celular.

Ele acabou de voltar para casa no último trem, como de costume, desfazendo a gravata e pendurando o casaco. Talvez fosse muito pior para Mizuno, pensou enquanto tirava uma cerveja da geladeira. Ele ficava muito mais na casa dela do que ela na sua já que a casa dela ficava em Nishikokubuji que ficava no caminho da sua. Ele realmente queria se desculpar. Nunca pretendeu deixá-la tão triste.

O ar frio lá fora e a cerveja gelada roubavam seu calor corporal.

Era fim de janeiro.

Seu último dia de trabalho foi o mesmo de sempre. Vestiu o casaco, se dirigiu para o escritório, chegou ao lugar onde trabalhou por cinco anos, ligou o computador, bebeu o café enquanto esperava iniciar e olhou para a agenda do dia. O projeto que ele estava trabalhando estava terminado, mas ainda queria minimizar o trabalho passado para outras equipes. Ironicamente, fez vários amigos enquanto fazia isso. Todos expressaram o quanto estavam arrependidos ao saber que ele iria embora e sugeriram que deveriam fazer uma festa à noite, mas ele recusou educadamente: “Estou muito grato pelo convite, mas quero passar o dia trabalhando como costumo fazer. Mas vou ter muito tempo livre depois que sair, então sintam-se livres para me convidar novamente”.

À noite, o antigo líder da equipe se aproximou dele e, olhando para o chão, pediu desculpas: “Sinto muito por todos os problemas que tivemos”. Takaki ficou um pouco surpreso com o que estava ouvindo, mas respondeu: “Não se preocupe”. Fazia um ano que não se falavam, antes de ser substituído.

Takaki se virou e começou a digitar novamente pensando consigo mesmo, não tenho que voltar a este lugar nunca mais. Era uma sensação estranha.

“Eu ainda te amo”, Mizuno escreveu em seu último e-mail.

"Acho que sempre vou te amar do jeito que amo agora. Para mim, você é uma pessoa gentil e maravilhosa que admiro mesmo que você pareça um pouco distante".

"Quando comecei a sair com você, pela primeira descobri como o coração pode ser facilmente roubado por outro. Sentia como se estivesse me apaixonando por você todos os dias. Cada palavra que escrevia em seus e-mails me deixava feliz ou triste. Sei que ficou com ciúmes e preocupado com muitos assuntos triviais. Sinto muito, mas acho que nós dois estamos cansados de tudo".

"Cerca de meio ano atrás, queria te dizer tudo isso de várias formas, mas não importa o quanto tentasse, nunca corria bem".

"Sei que me ama tanto quanto diz. No entanto, acho que nossos modos de amar podem ser diferentes. Posso perceber que estou sofrendo um pouco por causa dessa diferença".

Sua última viagem da empresa para casa foi tarde da noite. Estava particularmente frio e as janelas dentro do vagão estavam geladas e úmidas. Olhou para os prédios iluminados que se destacavam à distância. Ele não se sentia como se estivesse livre, nem se sentia pressa em encontrar seu próximo emprego. Não tinha certeza do que devia estar pensando. Sorriu calmamente, percebendo que ultimamente não tinha certeza de nada.

Ele saiu do trem e seguiu através da estação como de costume, saindo por Shinjuku Oeste. O ar da noite estava quase dolorosamente frio. Seu casaco e cachecol não serviram para nada. Os edifícios escuros diante dele pareciam estruturas antigas.

Começou a caminhar lentamente entre eles.

"...Sou uma pessoa tola e egoísta?"

Durante os últimos dez anos, deve ter ferido muitas pessoas sem motivo algum e sempre mentiu para si mesmo que não poderia ter feito nada, não fez nada para tentar mudar.

Por que não poderia ser mais sério sobre seus relacionamentos? Por que não usava palavras melhores quando falava com as pessoas? Quanto mais caminhava, mais arrependimento sentia em seu coração.

Ele não conseguia parar os sentimentos esmagadores.

"Posso perceber que estou sofrendo um pouco", Mizuno escreveu. "Um pouco". Era mais do que isso.

"Desculpe" disse o antigo líder. "É um desperdício", disse outra voz. "Esse é o nosso fim?", disse a garota do cursinho. "Pare de ser tão legal comigo", disse a Sanada e depois, "Obrigado" quando se separaram. Então se lembrou do "Eu sinto muito" no telefone. E o mais importante...

"Tenho certeza que você vai ficar bem, Takaki-kun" Akari falou.

Suas vozes surgiam em sua mente como se subitamente saíssem das profundezas silenciosas do mar. Sua mente estava cheia com todas elas. O som do vento invernal uivando através dos edifícios, as bicicletas, caminhões e vários veículos se misturado com a cidade. Quando finalmente escapou, o mundo ficou repentinamente barulhento.

Mas acima de tudo, havia um grito — sua própria voz.

Provavelmente foi a primeira vez que chorou desde aquele dia, quinze anos atrás naquela estação. Estava em lágrimas. Continuou a chorar como se um iceberg gigante dentro dele tivesse acabado de derreter. Não havia nada que ele pudesse fazer.

Ele deveria ficar sozinho para sempre. Por que não conseguia fazer ninguém feliz? Nem que fosse só um pouco.

Ele olhou para os edifícios de duzentos metros de altura diante dele enquanto as luzes vermelhas piscavam. A salvação simplesmente não viria tão convenientemente.

7

Naquela noite, ela encontrou um envelope velho e gentilmente o abriu. O papel que tirou parecia novo. Sua letra não tinha mudado muito.

Ela leu uma parte da carta antes de guardá-la cuidadosamente. Vou ler de novo, já que estou mais velha, ela pensou. Ainda era muito cedo para isso.

* * *

Para Takaki-kun,

Como você está?

Quando marcamos essa data, nunca previmos o quão nevado seria, não é? Parece que o trem está atrasado. Por isso que decidi escrever enquanto estou esperando por você.

Há um fogão na minha frente por isso aqui é quente. Como sempre, guardo algum papel em minha bolsa para que eu possa escrever minhas cartas a qualquer momento. Estou pensando em entregar isso a você mais tarde. Portanto, não chegue muito cedo ou ficarei muito perturbada. Por favor, não se apresse, leve o tempo que precisar para chegar aqui.

Faz muito tempo que não nos vemos. Fazem onze meses. É por isso que estou me sentindo um pouco nervosa agora. O que faremos se não nos reconhecermos quando nos encontrarmos? Mas este lugar é tão pequeno em comparação a Tóquio, então não acho que isso poderia acontecer. Mas não importa o quanto tente imaginar como você se parece de uniforme ou roupas de futebol, sempre vai parecer estranho para mim.

Hmmm, o que mais devo escrever? Ah, já sei. Começarei pelos meus agradecimentos. Vou escrever os sentimentos que tinha por você que não pude transmitir corretamente. Quando me mudei para Tóquio no quarto ano do primário

eu fiquei realmente feliz que você estava lá. Fiquei feliz por ficarmos amigos. Se você não estivesse lá, a escola teria sido muito mais difícil para mim.

É por isso que realmente não queria transferir para outra escola e me separar de você. Queria participar da mesma escola secundária com você e crescer juntos. Era o que eu desejava. Estou me acostumando com a minha escola agora (por isso, não se preocupe muito comigo), mas todos os dias, pensava muitas vezes: "Como seria melhor se Takaki-kun estivesse aqui".

Estou muito triste que em breve você vai se mudar para um lugar muito distante. Embora estivéssemos separados entre Tóquio e Tochigi, sempre pensei: "Takaki-kun está ao meu alcance". Sempre poderia pegar o trem imediatamente para ir te ver. Mas desta vez, ir para o outro lado de Kyushu é um pouco longe demais para mim.

De agora em diante, terei que aprender a viver sozinha, embora não esteja confiante. Mas tenho que conseguir. Tanto você quanto eu.

Há outra coisa que devo dizer. Estou escrevendo isto nesta carta apenas no caso de não poder dizer isso a você.

Eu te amo. Não me lembro quando me apaixonei por você, mas naturalmente, me apaixonei por você antes que eu percebesse. A primeira vez que o conheci, você era um rapaz forte e gentil. Sempre me protegeu.

Takaki-kun, tenho certeza que você vai ficar bem. Não importa o que aconteça, sei que você vai crescer e ser um bom adulto. Não importa o quão longe você vá, sempre vou te amar.

Por favor, lembre-se disso.

* * *

Uma noite, ele teve um sonho.

Estava escrevendo uma carta em uma sala cheia de caixas de papelão, tudo preparado para a mudança. Tinha planejado entregar à menina que ele amava em seu primeiro encontro. No final, não conseguiu já que a carta foi levada pelo vento. Dentro do sonho, ele sabia disso.

No entanto, tinha que entregar para ela de alguma forma. Sabia que tinha que escrever aquela carta mesmo que ninguém a lesse.

E assim, ele comprou um papel e escreveu novamente.

* * *

Eu realmente não sei o que significa crescer. Mas um dia, se alguma vez encontrar Akari novamente por coincidência, quero ter me tornado alguém que não tenho vergonha de ser.

Isso eu te prometo, Akari.

Eu te amei. Sempre amei.

Por favor tome cuidado.

Adeus.

8

Abril. As ruas de Tóquio estavam cheias de flores de cerejeira.

Takaki estava trabalhando até o amanhecer, então só acordou na hora do almoço. Abriu as cortinas e a luz do sol deslumbrante inundou seu quarto através da janela. A névoa de primavera pairava sobre os edifícios e a luz do sol cintilando em cada pequena janela parecia muito reconfortante. Entre todos os edifícios poderia ver as cerejeiras em plena floração. Ele pensou novamente, Tóquio tem um monte cerejeiras.

Já faz três meses que ele deixou a empresa. Só começou a trabalhar novamente no início do mês. Estava assumindo vários trabalhos, desde o projeto até a programação. Ele não tinha certeza se deveria continuar trabalhando de freelancer como agora ou se era possível continuar, mas era hora de voltar ao trabalho. A programação de repente parecia interessante novamente quando seus dedos tocavam o teclado com alegria.

Ele comeu um pouco de torrada com manteiga e bebeu café com leite enquanto tomava café da manhã. Enquanto limpava os utensílios, ele pensou que teria o dia de folga já que terminou tantos trabalhos. Decidiu dar uma volta e vestiu uma jaqueta fina. A brisa varreu seu cabelo e o cheiro do fim da tarde encheu o ar. Era um belo dia. Desde a demissão, percebeu que se sentia diferente em diferentes momentos do dia. De manhã cedo, podia sentir o dia pela frente, um aroma que só havia no amanhecer, outro aroma seria embrulhado suavemente no entardecer. Os céus estrelados tinham seu próprio perfume e os dias nublados também. Tudo tinha a ver com a mistura dos seres humanos e da cidade. Tinha esquecido todas essas sensações.

Atravessou lentamente as ruas estreitas das áreas residenciais e depois sentiu sede, comprou um café em uma máquina de vendas e bebeu em um parque, observando as crianças brincarem pelas portas da escola e inúmeros carros passando na ponte logo acima. Escondido atrás das residências e vários prédios estavam os grandes edifícios de Shinjuku. E atrás deles estava um céu vívido que se assemelhava a uma grande tela azul com nuvens brancas sobre ela.

Caminhou em direção a uma travessia da estrada de ferro. Havia uma enorme árvore de cerejeira, o asfalto em volta dela coberto de pétalas brancas. Observou as pétalas caírem lentamente e de repente pensou...

Cinco centímetros por segundo.

O aviso de cruzamento começou a tocar como se fosse sinal do retorno nostálgico da primavera.

Então, diante dele, notou um andar de mulher. Seus calçados brancos faziam sons enquanto ela andava no concreto mas foi abafado pelo som de advertência.

Uma luz em seu coração. Eles continuaram caminhando em direções opostas, mas tinha uma forte sensação de que se ele se virasse agora, a veria se virando também. Apenas sabia que ela se viraria.

Parou no outro lado da travessia, se virando lentamente para olhá-la. Ela também, lentamente se virou para olhar para ele. Seus olhos se encontram.

Seu coração e suas memórias se agitaram quando o trem correu ao longo da Linha Odakyu e cortou sua linha de visão.

Takaki pensou: “Ela ainda estará lá depois que o trem passar?”, enquanto o trem continuava passando.

Não importava. Se era realmente ela, era o suficiente para um milagre.

Ele decidiu. Assim que o trem passasse, ele seguiria em frente.

Fim *

O Céu Além da Janela

Miyuki Ogawa é uma garota de escola secundária que vive em um bloco de apartamentos com seus dois pais. Em uma manhã de junho, Miyuki decide não ir para a escola por causa de um tufão. Seus pais logo deixaram o apartamento para trabalhar. Deixada sozinha na sala de estar, tudo ao redor de Miyuki de repente lembra a chuva pesada lá fora. Ela começou a imaginar como estava lá fora. O trem lotado que costumava levar para a escola na parte da manhã provavelmente estava cheio da mesma atmosfera chuvosa - o guarda-chuva molhado de alguém encharcando a saia e as pernas de alguém, os homens de negócios apertados junto com suas roupas cheirando a inseticida e o ar condicionado forte demais, as roupas úmidas parecem ainda mais frias...

Depois de tomar apenas um iogurte naquela manhã, Miyuki voltou para seu quarto para voltar a trabalhar. Ela estava escrevendo um romance que ninguém ainda conhecia. Não estava completo e mesmo que ela terminasse, Miyuki não sabia o que faaria depois. Miyuki se esticou um pouco e começou a fazer as unhas. “Provavelmente só quero deixar um legado neste mundo”.

Miyuki logo percebeu que o vento batia do lado de fora da janela enquanto uivava através das lacunas entre os edifícios. As sirenes podiam ser ouvidas. Pressionando sua orelha contra a janela, podia ouvir as árvores balançando violentamente ao vento, caminhões correndo através da água e um sinal sendo jogado violentamente no chão.

As cenas da chuva caindo violentamente lá fora passaram novamente na cabeça de Miyuki - os telhados expostos ao tufão rugiam, os teleféricos se

enferrujando, os cruzamentos vazios, os edifícios desertos, as luzes balançando e seus colegas assistindo às aulas quietamente...

Olhando para o bloco de notas branco à sua frente, Miyuki pensou no possível futuro à sua frente. Ela faria seus exames finais em breve, vestindo um uniforme novo e se tudo corresse bem, frequentaria um colégio privado que só leva quarenta minutos para chegar de trem e provavelmente se juntaria ao clube de basquete novamente. Vai encontrar um emprego de meio período e talvez sair com alguns rapazes. "Depois de me formar no colégio, vou para a universidade", pensou Miyuki.

"Hmmm, vida universitária... Depois disso teria uma carreira e um casamento, mas isso não é algo que possa realmente imaginar. Enfim, este romance que estou escrevendo agora não deve ter qualquer efeito sobre o meu futuro. Mas então para que estou escrevendo isso?"

"...Não, meu romance não tem nada a ver com isso", pensou Miyuki. "Não há nada que eu queira ser agora. Ainda não fiz as coisas que quero fazer. Primeiro, vou escrever este romance porque quero saber mais sobre mim. Tenho certeza de que haverá um mundo totalmente novo que vou ser capaz de alcançar uma vez que tiver terminado".

Miyuki percebeu que o vento tinha parado. O silêncio pendia pacificamente em seu quarto. Olhando para cima, pôde ver quão brilhante estava lá fora. Raios de luz solar passavam através das nuvens... O som das sandálias de Miyuki ecoavam quando abriu a janela e saiu para a varanda. Que mundo maravilhoso este que estava diante de seus olhos!

Poucos momentos atrás, a cidade estava encharcada de chuva, mas agora estava brilhando intensamente enquanto os raios solares brilhavam. As nuvens estavam se desfazendo e os traços do céu azul poderiam ser vistos. Pequenas nuvens negras eram levadas rapidamente pelos ventos fortes.

"Esta é a primeira vez que vejo algo assim. Sim, este deve ser o olho da tempestade..."

Olhando para o céu da varanda, Miyuki pensou que a cor azul era triste. Estava tão distante e tão alta. Mesmo sabendo que não conseguiria tocá-la, Miyuki estendeu as mãos. Ela não sabia por que, mas sob aquele poderoso momento, ela caiu em lágrimas.

Era uma manhã brilhante e ensolarada no dia seguinte. Miyuki estava andando por uma faixa lateral entre os edifícios enquanto seguia para a estação. Parando, ela se virou para olhar para a cidade escondida pelo céu azul. “Ninguém iria acreditar em mim se tentasse dizer a eles o que eu vi ontem”, pensou Miyuki. “Não sei por que, mas tem me incomodado... é impossível deixar vestígios da minha vida para trás neste grande mundo”.

“Então, por que continuo escrevendo minha história?” Miyuki olhou para o céu ao longe e continuou a andar.

Fim ✻

Makoto Shinkai

Makoto Shinkai é um diretor, escritor, produtor, animador, dublador, mangaká e ex designer gráfico. Nasceu em 9 de fevereiro em Nagano. Estudou literatura japonesa na Universidade de Chuo.

Novels Publicadas

2007

Byousoku 5 Centimeter

2014

Kotonoha no Niwa

2016

Kimi no Na wa.